Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3411unse_0

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1958 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Insígne Missionário . . . . . *Redação*
O Natal se Aproxima . . . . . *v. lirenedo*
A Descoberta do Espírito . . . . *Hernani Guimarães Andrade*
A Conquista do Planêta Marte . . *V. O. Casella*
A propósito de um Livro . . . . *Fernando Toledo*
Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do Brasil *Milton de Andrade*
Discussão Esclarecedora . . . . . *Ismael Gomes Braga*
O Esperanto e o Espiritismo . . . *Ext. da obra "A Sobrevivência do Espírito"*
A Teoria Corpuscular do Espírito . *C. Pimentel*
Pesquisas Metapsíquicas em diversas Universidades Americanas e Européias . . . . . *Irmão Saulo*
"Quo Vadis ?" . . . . . *Trad. de Eddie A. da Silva*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Natal dos Pobres

Prezado Confrade

Paz em Jesus

Estamos nos aproximando da maior festa da cristandade – o Natal, pois nêsse dia, 25 de Dezembro, todos comemoram o natalício de Jesus com tôdas as fôrças de sua alma e dos mais variados modos. Assim como nos anos anteriores, o Centro Espírita «Amantes da Pobreza», com a colaboração da Mocidade Espírita «Cairbar Schutel», sob o patrocínio da União Municipal Espírita de Matão, em comemoração ao natalício do Mestre, realizará o NATAL DOS POBRES, distribuindo entre os necessitados as ofertas que receber dos corações generosos, na séde do Centro Espírita «Amantes da Pobreza».

Nêsse sentido a Comissão Organizadora do NATAL DOS POBRES solicita de V. S. um donativo, que pode ser em dinheiro, gêneros alimentícios, roupas, tecidos, agradecendo-lhe desde já a atenção que nos for dispensada.

Com votos de um Feliz Natal e próspero Ano Novo, subscrevemo-nos

Atenciosamente,

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Anita Sampaio Miniucci
Isabel Perche Camargo
Letícia M. Olson
Dirce Barbosa Mariani
Zélia Silveira Perche
Leonor da Cruz Jorge
Clotilde Cunha
Edni Pedro Gonçalves
Donata Casadei Oliveira
Claudeni Gonçalves
Fanny Trolezi

Matão, Novembro de 1958.

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1958 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Insígne Missionário

O objetivo único da vinda de Jesus a êste mundo foi, conforme profetizou Isaias — fazer raiar a Luz aos que se encontravam na região da morte: dar crença aos que não n'a tinham, guiar os que se haviam perdido e se achavam desviados da Estrada da Vida, animá-los e os vivificar e, sobretudo, apresentar-se como o Modêlo, o Paradigna, o Enviado de Deus, o único Mestre capaz de transmitir um Ensino elevado e perfeito, o legítimo representante da Verdade que redime e salva. Daí a sua sentença: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim».

Jesus descendia de humilde família, mas foi o vulto popular da Judéia. Ninguém desconhecia a existência daquele vulto singular.

Seguido por gente humilde, Jesus era o alvo dos que a Êle acorriam e por todos era seguido pelas ruas e estradas, cidades e aldeias, e testemunhavam o seu grande poder.

O nome de Jesus andava de bôca em bôca. Ao seu regaço, Êle chamava as crianças, confortava os aflitos, curava os enfêrmos, e sempre tinha palavras de benevolência para os infelizes que se achegavam á sua presença confortadora. Todos sabiam existir na Judéia um certo Jesus, filho de uma jovem nazarena, espôsa de um carpinteiro, José, que pregava uma religião por meio de parábolas, que escandalizava a «classe sacerdotal», mas que fazia maravilhas, produzia «milágres» que surpreendiam as multidões.

Ninguém foi tão falado, nem prodígios praticou como o moço nazareno, cujo poder foi e continua a ser um problema para as gerações que se sucedem.

Não consta da História que homem algum, gênio ou missionário, O igualasse em poder e virtude.

Jesus foi o modêlo da perfeição. De seu olhar irradiavam as carícias para os infelizes, párias, maltrapilhos que O seguiam cheios de esperança e fé, atraídos pelo seu grande amor.

Jesus foi o Insígne Missionário que interpretou e praticou a Vontade Divina. Ao contacto de suas mãos, os enfêrmos se restabeleciam, os cegos viam, os surdos ouviam, os paralíticos andavam, os leprosos ficavam limpos. Tão grande era o seu poder que mesmo os elementos da natureza lhe obedeciam. E ao lado de seu poder, o Nazareno se desdobrava em incessante atividade, expunha aos que O seguiam a sua palavra de Luz e de Caridade, que vibrava nas almas e dava paz aos aflitos. Seus ensinos ultrapassam a todos os métodos pedagógicos. Êle usava de parábolas, fazia comparações, descrevia a natureza. De tôdas as coisas Jesus se servia para fazer compreender a Grande Doutrina que viera pregar.

A Missão de Jesus, segundo os Evangelhos, foi despertar o pensamento humano e abrir-lhe os olhos para a realidade da Vida Eterna, dando-lhe, ao mesmo tempo, o mais perfeito Código de Amor, Esperança, Fé e Caridade, para que a prática destas virtudes lhe desse a felicidade nessa Vida que a todos espera.

Nós propagamos a Doutrina de Jesus, pois admiramos a singular Personalidade do Insígne Missionário, que propugna a mais elevada moral, que se resume no seguinte: «Amar a Deus sôbre tôdas as coisas e ao próximo como a si mesmo».

Não era só o povo da Judéia a admirar o Insígne Missionário.

Transcrevemos o seguinte que Cairbar Schutel publicou no ano de 1932:

O Retrato de Jesus, feito por Publio Lentulo

O documento que publicamos a seguir foi encontrado no arquívo do Duque de Cesarini, em Roma.

Essa carta, onde se faz o retrato físico e moral de Jesus, foi mandado de Jerusalém, por Publio Lentulo, então presidente da Judéia, a Tibério Cesar, imperador de Roma.

Diz referida carta:

«Sabendo que desejas conhecer quanto vou narrar, existindo nos nossos tempos um homem, o qual vive atualmente de grandes virtudes, chamado Jesus, que, pelo povo é inculcado o profeta da verdade, e os seus discípulos dizem que é filho de Deus, criador do céu e da terra e de tôdas as coisas que nela se acham e que nela tenham estado; em verdade, ó Cesar, cada dia se ouvem coisas maravilhosas dêsse Jesus: ressuscita os mortos, cura os enfêrmos, em uma só palavra — é um homem de justa estatura e é muito belo ao aspecto, e há tanta majestade no rosto, que aquêles que o vêm são forçados a amá-lo ou temê-lo. Tem os cabelos da côr da amêndoa bem madura, são distendidos até as orelhas, e das orelhas até as espáduas, são da côr da terra, porém mais reluzentes.

«Tem no meio de sua fronte uma linha separando os cabelos, na forma em uso nos Nazarenos, o seu rosto é cheio, o aspecto é muito sereno, nenhuma ruga ou mancha se vê em sua face de uma côr moderada; o nariz e a bôca são irrepreensíveis.

«A barba é espêssa, mas semelhante aos cabelos, não muito longa, mas separada pelo meio, seu olhar é muito especioso e grave; tem os olhos graciosos e claros, o que surpreende é que resplandecem no seu rosto como os raios do sol, porém ninguém pode olhar fixo o seu semblante, porque quando resplende, apavora e quando ameniza, chora; faz-se amar e é alegre com gravidade.

«Diz-se que nunca ninguém o viu rir, mas, antes chorar. Tem os braços e as mãos muito belos; na palestra, contenta muito, mas o faz raramente e, quando dêle se aproxima, verifica-se que é muito modesto na presença e na pessoa. É o mais belo homem que se possa imaginar, muito semelhante à sua Mãe, a qual é de uma rara beleza, não se tendo, jamais, visto por estas partes uma donzela tão bela, porém, se a Majestade Tua, ó Cesar, deseja vê-lo, como no aviso passado escreveste, dá-me ordens, que não faltarei de mandá-lo o mais depressa possível.

«De letras, faz-se admirar de tôda cidade de Jerusalém; êle sabe tôdas as ciências, e nunca estudou nada. Êle caminha descalço e sem coisa alguma na cabeça. Muitos se riem, vendo-o assim, porém em sua presença, falando com êle, tremem e o admiram.

«Dizem que um tal homem nunca fôra ouvido por estas partes. Em verdade, segundo me dizem os hebreus, não se ouviram, jamais, tais conselhos, de grande doutrina, como ensina êste Jesus; muitos judeus o têm como Divino e muitos me querelam, afirmando que é contra a lei de tua Majestade; eu sou grandemente molestado por êstes malígnos hebreus.

«Diz-se que êste Jesus nunca fez mal a quem quer que seja, mas, ao contrário, aquêles que o conhecem e com êle têm praticado, afirmam ter dêle recebido grandes benefícios e saúde, porém à Tua obediência estou prontíssimo, àquilo que Tua Majestade ordenar será cumprido.

«Vale da Majestade Tua, fidelíssimo e obrigadíssimo... Publio Lentulo, presidente da Judéia».

«L'indizione Setima, luna seconda».

O NATAL SE APROXIMA

v. lirenedo

NATAL, dia magno de amor universal. Festa cristã por excelência, efeméride máxima da cristandade. Natal, júbilo intenso dos corações, dia impregnado de doçura e enlevos, de pacifismo interior, de calma existencial.

Emanando do azul do céu, perpassa o ar para tôdas as almas doce e cálida vibração de fraternidade. Mais álacre é o riso das crianças e mais cordial é o sorriso das mulheres e dos homens. De todo coração aflora uma parcela de bondade esquecida até ontem, que todos primam em acatamento, ternura.

Natal! filtro mágico a nos fazer esquecer dissabores e mágoas, bálsamo a nos suavizar as dores que trazemos em nós, esponja inefável a apagar em nossa mente e coração todo o mal que nos tenham feito.

Nos lares há mais claridade. mais expansividade natural. O Espírito-eleito, o Filho predestinado a um ciclo de existência ímpar entre as humanas criaturas, o Pastor que há quase vinte séculos lá no Oriente nesse dia veio ao mundo para sofrê-lo, para sofrer a Terra na Terra, preside o grande remanso de todos nós. Jesus como que desce dos páramos celestes para estar conosco na difusa, característica gentileza simples e espontânea que do íntimo se transborda às atitudes espalhando-se no ambiente, Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade.

Mágica noite de Natal! a idéia nos dando a visão da humilde choupana que houvera de acolher Maria — e a mangedoura rutilante aninhando o corpo frágil d'Aquele que vinha ao mundo para expungir as trevas do mal, do recém-nascido destinado a aclarar o negrume denso da matéria. E para assim grande finalidade, quão singelo comêço — uma cabana. Aquela criança, quatro estacas, alguns caniços entrelaçados e um punhado de palha surtos em Belém para equilibrarem o Universo, iluminá-lo. À mente de todos acode o episódio do menino todo cintilação divina enviado a penetrar o hermetismo do egoísta coração do homem... Fúlgida missão cumprida fielmente em dor, lágrimas, sangue e transpasse para exemplo à humanidade ingrata e recalcitrante, inflada de orgulhos. Natal, alfa terreno da Boa Nova sem ômega porque de origem divina, Evangelho do Amor integral para todo o planêta. Natal do Messias de Belém que é a Verdade, o Caminho e a Vida para êste plano e para outros planos de existência.

Natividade... amolecer de ânimos cruéis, esmorecer de auto-suficiências, esfriar de soberbias, trégua nas impiedades, refrear de ódios, encontro do indivíduo consigo mesmo, com a sua consciência.

Vinte e cinco de dezembro... lares e vitrinas com árvores carregadas de enfeites doirados, lâmpadas coloridas, esferas prateadas a faiscarem. Aquí há um presépio, ali o velhinho Noel de grandes barbas encurvado sob os presentes. Nas mesas das residências há bolos e doces, bombons e pacotes elegantes presos por fitas bonitas. E não há garota que não esteja adorável nesse dia. Mais do que nunca elas hão de nos lembrar bonecas irrequietas saidas de um reino de fantasia, mandadas pela Graça a acentuarem o colorido do dia mais belo da Terra; presentes poéticos vivos, tão lindos.

É assim mesmo. Muito amor, muita beleza e elegância e bom gôsto. Em cada coração de mulher há sempre algo da sublimidade de Maria. Então êsse algo mais transparece no dia de Natal. Para o bem de nós homens, para o bem de todos e do mundo, todos os Natais têm sido assim. No ano passado foi assim na casa do autor destas linhas. Houve aí presentes para o intelecto, para o coração e até muitos presentes digestivos. O domicílio tomou simultâneamente o aspecto de livraria, magazim policrômico, e confeitaria sortida em delícias tentadoras do paladar. Lares vizinhos estavam igualmente festivos.

Mas... no ano passado, na grande efeméride êste cidadão andou alegre

e risonho só durante o tempo em que ficou o rádio desligado. Sim, porque posto a funcionar o aparelho, êste cidadão foi tomado, em crescendo amargo, de insólita tristeza, iniciada com a AVE MARIA de Gounoud, eis que as notas suaves transformaram a alegria solta e despreocupada em recolhimento íntimo. A introversão nos levou às salas dos hospitais, aos casebres misérrimos, aos tugúrios de viuvas andrajosas e dolorosas, aos porões infectos e favelas confrangedoras das cidades pujantes gritando progresso incoerente. Angustiado este escrevinhador recordou as criaturinhas caquéticas, sem médico nem remédios vistas pelos quatro cantos do Brasil; recordou as crianças que em tôda parte estão pregadas nas camas, nas enxergas e esteiras por doenças tantas; reviu com o pensamento milhares de pequeninos de tôda parte que não conhecem Natais em lares festivos iluminados por velinhas multicores, e com mesas cheias de doces e brinquedos. E o escrevinhador fez a si mesmo uma pergunta terrível: — Por que os maiores não são melhores?! E assim o Natal passou sem alegria. Como é fácil verificar o muitíssimo que há por fazer-se no Brasil no setor assistencial! E assistência social oficial efetiva parece ser coisa mais de políticos em busca de voto. Demais extenso é o contingente dos doentes esquecidos, das criaturas novas e idosas abandonadas por êsses pátios e pontes citadinos, por êsses mataréus e sertões. Crianças e adultos que conhecem tôda espécie de sofrimento, que só uma vez ou outra têm seus males mitigados graças ao desprendimento piedoso e heróico de alguns, à abnegação de altruistas que praticam a maior das virtudes sem o trombetear mundano; tantas donas-de-casa ou enfermeiras ou professoras; tantos médicos, pastores, missionários. Mas quantos e quantos dêsses bons samaritanos não está precisando o Brasil?!

E falando de abnegados que perfumam uma época de displicência espiritual, álgida e egoísta, ocorrem as avarezas entranhadas, as riquezas estáticas, o nababismo nas superficialidades e pagodeiras, os crônicos super-luxos sempre estranhando qualquer beneficência...

Ah! que dois mil anos usados e empregados em tudo não foram suficientes para bem apurar o coração do homem e guiá-lo no caminho permanente da bondade e fraternidade! Ao dia harmonioso e reconfortante do Natal, juntará o homem trezentos e sessenta e quatro dias de indiferença, leviandade, vaidade, má fé, perversidade e brutalidade? Até quando se empregará os sofismas, se desvirtuará a verdade, se desprezará a justiça da Terra e as leis de Deus?... Vinte e quatro horas por ano fluindo paz e amor são muito poucas frente à milenar dureza do coração humano. Haverá mais miséria, fome, desvario, guerra?

Passado o Natal, e para a desventura da humanidade, parece que o mundo recai na rejeição da radiosidade de Belém, fazendo pelo abafar das palavras do Cristo. Porque o homem é falho, mau e pusilânime. Êle esquece e faz-se de esquecido, conscientemente delinqüe. Com freqüência secular o homem emprega mal o livre arbítrio, e ousado e mal agradecido arruína a si mesmo, prejudica o seu próximo. O homem é renitente, de propósito segue de olhos fechados para a longa esteira de acontecimentos loucos e trágicos que serpeia a Terra. Cegueira voluntária obstinada.

Contudo, contudo existe a esperança. Ainda bem que mercê de Deus o homem mesmo pode quantas vêzes quiser alimentar grandes esperanças. Então esperemos nós todos que os maus serão menos maus, que os bons ainda melhores, que os indiferentes ou egoístas se modifiquem. Que o Evangelho do Cristo se faça cada vez mais presente nas almas.

Esperemos que na festa da Natividade dêste ano não haja tristeza para ninguém. Que aos nossos corações sorria a convicção de que todos, sãos e doentes, viuvas e órfãos, sofredores e aflitos terão o Natal como marco consolidador de uma vida mais suave e feliz.

O Natal se aproxima e queira Deus se concretizem os anseios de tôda a humanidade para um porvir melhor.

Natividade do Messias... nessa noite parece que o chão da Terra, com todo o seu conteúdo de sêres, mais próximo está do céu onde, como diria Bilac, a Via Látea como um pálio aberto cintila. O Cruzeiro do Sul é um símbolo de luz eterna engastado lá no alto. A abóbada celeste polvilhada de luzeiros

fala aos corações todos da munificência do Artífice máximo...

Noite da Natividade... hosanas fremem nas pessoas; os espaços infinitos vibram sua aleluia, no ar baila o suave sincronismo de uma Noite Feliz.

Oriente. Belém e Maria. O Filho enviado do Reino Maior, médium do Senhor. Na noite santa mais submissa a alma recolhe-se na meditação. Nos lares, nos templos, nos hospitais, aqui e ali se ajoelha contrita a humana criatura... Para o firmamento sobem num transporte de fé as preces plenas de unção. Vozes de tôdas as nações pedem — Deus Poderoso, Pai e Senhor dos mundos e dos homens, perdoa abençoando esta sofredora e angustiada humanidade que palmilha a incerteza dos ásperos e tantas vêzes enganosos caminhos da Terra. Jesus Amoroso, protegei-nos hoje, protegei-nos sempre.

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação).

6 - Um Espiritismo pré-histórico ?

Há muitas autoridades em Kardecismo, que defendem a tese segundo a qual só devemos considerar como *espiritismo* a doutrina codificada por Allan Kardec. No sentido de evitar qualquer confusão neste particular, queremos esclarecer que a palavra espiritismo, usada por nós no presente capítulo, terá outro sentido, significando, em particular, as práticas e o comportamento dos indivíduos que crêem na existência, comunicabilidade e sobrevivência dos espíritos após a morte do corpo físico. Tendo em vista, ainda, a possibilidade de interpretação errônea, dada à definição do significado do têrmo *espiritismo*, aqui convencionada, esclarecemos que vale apenas para êste trabalho a convenção estabelecida. A razão pela qual usamos a palavra *espiritismo*, em lugar de uma outra, tal como *mediunismo*, prende-se ao fato de que consideramos a seqüência causal dos fenômenos. Achamos, por exemplo, que *espírito* e *médium* guardam entre si uma seqüência causal, em que *espírito* precede a *médium*. Ora, sendo o primeiro, o *espírito*, o fenômeno anterior, é justo que o consideremos mais geral e tomemos como têrmo genérico o *espiritismo*, seu derivado, e não o mediunismo.

Isto pôsto, vamos estudar a tese enunciada no título dêste parágrafo: «teria existido um espiritismo pré-histórico»?

Preliminarmente, precisamos considerar que a existência de um senso religioso entre as populações antropóides do paleolítico inferior e suas sucessoras é pràticamente uma evidência. As grutas e o seu uso, assim como as sepulturas e os sinais de extremos cuidados com os mortos, o culto dos crânios e inúmeros outros detalhes importantíssimos, achados sobretudo nas grutas de Grimaldi, permitem que se considere um fato pacífico a prática religiosa entre os paleolíticos.

O início do Século XX representa um marco na História das Religiões. Por volta de 1900 assinalam-se alguns eventos importantíssimos.

1) Salomon Reinach lança sua tese da existência do totemismo e da magia na época paleolítica.

2) As excavações do príncipe Alberto de Mônaco, nas grutas de Grimaldi, perto de Menton, sôbre a Côrte d'Azur, vieram trazer a prova incontestável de que as práticas funerárias eram perfeitamente conhecidas dos homens da idade da pedra lascada.

3) Nesta mesma época foram descobertos inúmeros objetos paleolíticos, demonstrando claramente que o homem da idade da Rena acreditava nos espíritos dos defuntos e os representavam. Citamos como exemplos os seguintes: um penduricalho feito de osso, encontrado nos depósitos pleistocênicos da gruta de São Marcelo, em Indre, na França, foi comparado com uma tábua roncante australiana, por Andrew Lang; foi estabelecido por Arthur B. Cook o paralelismo surpreendente entre os seixos rolados, coloridos e decorados com desenhos lineares, achados por Piette em Mas d'Azil, Ariege, na França, e as «churingas», as estatuetas

de madeira e «pedras de almas» dos Kurnais e Aruntas; as enormes faces humanas, angulosas e convencionais dos moirões totêmicos dos índios norte americanos, apresentam extraordinária analogia com as máscaras humanas gravadas sôbre chifre de rena, provenientes das grutas francesas de Placard e de Espéluges próximo de Lourdes; assim por diante.

Tôdas essas descobertas e subseqüentes estudos mostraram a notável correlação entre os objetos paleolíticos encontrados, e *os ainda usados por tribos humanas atuais, cuja razão de ser está ligada à crença na existência do espírito.*

Por volta de 1916 já se tinham elementos suficientes para dar-se como fato provado, que o homem da Idade de Rena professava o culto de seus mortos e de seus ancestrais. Todavia, praticava os rituais de magia de caça em um grau maior.

O crânio humano era, também, objeto de especial cuidado. Os penduricalhos representativos da figura humana, e então usados, caracterizavam-se por u'a máscara facial angulosa.

Os seixos rolados recebiam decoração com desenhos de tonalidade vermelha, onde aparecia a silhueta humana esquemática e convencional.

Sem dúvida, os cuidados com os crânios prendiam-se à ideia de que a alma se acha localizada na cabeça. Os penduricalhos com forma humana parecem ter sido confeccionados com a finalidade de receberem as almas dos defuntos e servirem de talismãs protetores. Os seixos decorados seriam outros tantos receptáculos para os espíritos, e as tábuas roncantes reproduziriam até a voz do ancestral falecido.

Evidentemente, não se trata de suposições sem fundamento, pois descobertas mais recentes, de objetos e costumes entre civilizações atuais que conservaram até hoje o nível paleolítico, vieram trazer a confirmação dessa forma de interpretar tais testemunhos pré-históricos.

Precisamos considerar, logo de início, o papel preponderante que o fogo representou entre as primitivas civilizações. Não só o mistério da sua fascinante beleza, mas a sua capacidade de reconfortar, eliminando as trevas noturnas e aquecendo as criaturas nos duros tempos de inverno dos glaciários, justifica plenamente a veneração de que foi alvo. Era justo pois, que as almas dos defuntos compartilhassem do aconchêgo da lareira onde crepitava o fogo generoso. O frio era intenso, e as almas dos parentes falecidos, transmigradas para as pedras pintadas ou para as figuras representativas, precisavam aquecer-se. Bastava, para isso, colocar tais imagens próximas do local onde ardia o combustível. E assim era feito, existindo os indícios evidentes dessa curiosa prática, até mesmo em nossa época atual.

Em Predmost, na Morávia, foi encontrado um lote de figurinhas humanas esculpidas em metacarpo de mamute e provenientes da antiga Idade da Rena. Inúmeras dessas estatuetas achavam-se chamuscadas em uma de suas faces, mostrando que haviam estado durante muito tempo próximas do fogo.

As sepulturas, na mesma Idade da Rena, encontradas nas cavernas de Baoussé-Roussé, de Langerie-Haute (1909) e de Solutré, mostraram o fato surpreendente de que os homens daquela época tinham o cuidado de colocar os despojos mortais dos membros da tribo, sôbre cinzas quentes e até mesmo sôbre brazas ardentes. Talvez procurassem, por essa forma, proporcionar ao defunto o bem estar do calor doméstico. O Fogo era empregado em outro tipo de ritual funerário além dêsse que acabamos de descrever, pois indícios seguros mostram que outras fogueiras eram acesas no sentido de propiciar calor, não mais ao cadáver, porém à alma do morto, que estaria vagando pelas adjacências.

Merece notada esta singularidade importantíssima que revela a realidade de uma crença bastante antiga na existência de mais de uma alma para cada indivíduo. Havia a convicção da existência de uma alma que se encontrava ligada ao cadáver, usufruindo através dêste o calor das cinzas quentes; outra mais sutil, mais livre, imaterial como se fôra uma sombra, rondava pelas adjacências da sepultura. Crendo em mais de uma alma, é evidente que o homem paleolítico tentasse, por meio de ritos e magia, fixar o espírito errante, atraindo-o para certas peças conservadas do próprio cadáver, os crânios por exemplo, ou para representações antropomórficas, rodeando-as de cuidados e atenciosa veneração.

À semelhança das figurinhas de Predmost, foi descoberto por Zamiatnin,

em Gagarino sôbre o Don, um fundo de cabana paleolítica construida de pedras. Achavam-se ali várias estatuetas humanas apoiadas contra as paredes da choça. Pois bem, tais imagens mostravam sinais evidentes de terem sido mantidas nas proximidades do fogo.

Não nos estenderemos mais, pois consideramos suficientes tais exemplos, citados entre um número considerável dêles.

O costume de manter as pedras representativas dos mortos, nas proximidades da lareira, com a finalidade de atrair, fixar e reconfortar o espírito do ancestral ali alojado, atravessou os milênios.

Atualmente, ainda encontramos os resquícios dessa prática paleolítica. Poderemos citar vários exemplos dêsse fato; ei-los:

Em 1666, apareceu em Paris a edição de um livro intitulado: «La vie de Monsieur de Noblets». Tratava-se de uma autobiografia escrita por um padre.

H. Gaidoz descobriu anotações da máxima importância, nesse livro, concernentes às superstições reinantes na Baixa Bretanha, durante a primeira metade do Século XVII. Referindo-se aos costumes dêsses tempos, Monsieur de Noblets diz assim:

> «Via-se que colocavam pedras próximas do fogo que cada família tinha o hábito de acender na vigília da festa de São João Batista, a fim de que seus pais e seus ancestrais viessem aquecer-se comodamente». (*)

Como pode ver-se, no Século XVII conservava-se pràticamente intacto um costume que remonta a milhares de anos atrás. Fora da Europa, entre as civilizações de caráter mais primitivo, vamos encontrar não só os objetos antropomórficos destinados a receber a alma dos defuntos e antepassados, mas sobretudo uma estreita correlação entre a lareira, a sepultura, a habitação e a representação física dos espíritos.

Entre os índios Xeberos, Omáguas e outros, reina um costume curioso: o moribundo, pouco antes do passamento, é colocado dentro de uma urna funerária, a fim de prender-se ali a alma do agonizante, logo que ela escapar com o último suspiro. Nessa hora, os familiares tratam de apagar o fogo da lareira para evitar que o espírito do morto permaneça na habitação e venha, mais tarde, acarretar perturbações aos familiares.

O culto dos seixos rolados permaneceu, até hoje, entre os costumes de certas tribos primitivas, as quais admitem que as almas dos mortos e antepassados podem habitar tais pedras. Os «Dakothas», por exemplo, amontoam grande número de pedras arredondadas (seixos rolados) e fazem oferendas a êsses calhaus. O mais interessante é que se dirigem respeitosamente às pedras tratando-as por «avô» ou «avó». Em suma, rendem-lhes culto por acreditarem que nos seixos se acham alojados os espíritos dos seus ancestrais.

Os indígenas das ilhas Leti esculpem imagens a fim de serem ocupadas pelos espíritos, e dêsse modo serem alvos da proteção dos mesmos. Quando precisam viajar, surge o problema de como levar os antepassados também. A solução é simples: fazem os espíritos emigrarem para pequenas pedras arredondadas, fáceis de transportar. Ao regresso, os espíritos tornam outra vez para as imagens, e as pedras são atiradas fora.

Êsses poucos exemplos bastam para provar a tese enunciada, de que os achados nas grutas revelam a existência de uma crença nos espíritos, na sua sobrevivência e mesmo comunicabilidade, entre os homens do paleolítico inferior.

Existiu sem dúvida, um espiritismo pré-histórico.

7 – Os Megálitos

O culto dos mortos, relacionado com o culto das pedras, evoluiu para o dos *megálitos*.

Os megálitos são verdadeiros monumentos, constituidos por blocos monolíticos muito grandes, os quais podemos classificar em duas variedades principais.

A primeira consiste em pedras solitárias ou grupadas, erguidas a prumo, simplesmente, sem nenhuma outra superestrutura Quando compreendidas por uma única pedra solitária, chamam-se *menhirs*. Quando formam grupos de pedras únicas, dispostas em filas, são os *alinhamentos*. Finalmente, quando se dispõem em círculos, são designadas: *cromlechs*.

NOTA (*) H. Gaidoz — Superstitions de la Basse Bretagne ao XVIIeme Siécle. Revue Celtique, II, 1875 pág. 484-486, Chez de Noblets — pág. 183-187.

À segunda classe, pertencem os *dolmens*, os quais consistem em grandes pedras, aprumadas ou não, formando uma superestrutura por empilhamento. No túmulo de Allan Kardec foi erigido um dolmen.

Ficou evidenciado que vários dêsses monumentos, se não todos, tinham a finalidade de servirem de sepulturas.

Os *menhirs* podiam ter tido, além disso, outro significado. De acôrdo com o folclore de certos países onde se encontram tais monumentos, atribui-se-lhes uma *espécie de vida supranormal*, e crê-se que êles se deitam, dormem, bebem e comem. Tanto na Irlanda como na Escócia, os camponeses chamam-nos de «fearbreagach» — falso homem.

Um *menhir* sôbre um túmulo funciona como o receptáculo para a alma do defunto estendido sob êle. É ao mesmo tempo imagem e altar, recebendo pelo morto as honrarias e as oferendas.

Vemos, aqui, a evolução da velha crença paleolítica que admitia a possibilidade de se alojarem os espíritos nas representações antropomórficas feitas de pedra. Parece lógico vislumbrar-se, também, nessas práticas megalíticas, a tendência para a evolução de uma arquitetura religiosa, que observamos através dos grandes monumentos de pedra: pirâmides, mausoléus, catedrais etc.

Alguns «dolmens», como os do «monumento de Stonehenge», foram erigidos de maneira a formar um verdadeiro recinto, como se fôra o interior de um templo, a céu aberto, ostentando grossas colunas de pedras duplas, ligadas duas a duas, no tôpo, por uma prancha também de pedra.

Vamos fazer uma pausa neste ponto, e tentar uma interpretação espirítica do comportamento dos nossos antepassados, desde o paleolítico inferior até o neolítico onde se assinala o surgimento dos monumentos megalíticos.

Deve parecer, à primeira vista, um tanto audacioso tentar construir uma hipótese, baseando-se em meia dúzia de exemplos ou constatações escolhidas como se fôssem a propósito. Não se trata de uma negação daquilo que a História das Religiões e a Psicologia já estabeleceram como explicação da gênese da crença nos espíritos. Queremos apenas introduzir o parâmetro que está faltando, para levantar a indeterminação que perdura na grande equação representada pelo problema da origem das religiões na humanidade.

8 – A interpretação espirítica

Já temos um bom acervo de informações, relativas ao comportamento das civilizações que floresceram desde o paleolítico inferior até o neolítico. Os vestígios encontrados nas furnas de Pech-Merle, Grimaldi, São Marcelo, Predmost, Baoussé-Roussé, Solutré e inúmeras outras, dos quais demos alguns exemplos, mostram claramente que as populações pré-históricas possuíam certo senso religioso e acreditavam na existência do espírito, na sua comunicabilidade e na sua sobrevivência após a morte do corpo físico.

As perguntas normais que surgem, ao tomar-se conhecimento dêsse estranho procedimento e dessa notável crença, são: qual teria sido a sua causa fundamental; qual o fenômeno central e constante que teria desencadeado o epifenômeno religioso, conservado até hoje pela humanidade; e, por que a íntima relação entre o senso religioso e a idéia da existência do espírito, a crença na sua comunicabilidade, nos seus podêres, na sua influência boa ou má? — Que a crença na existência dos espíritos é uma companheira inseparável da religião, não resta dúvida. E tudo parece indicar que o fenômeno principal é o relacionado com a idéia do espírito. É o «animismo», para usarmos um têrmo mais adotado pelos autores que versam sôbre o assunto.

Theodore H. Robinson apresenta uma árvore genealógica das religiões, em cujo tronco situa o «animismo» como ponto de partida de tôdas elas: (*) Veja-se o quadro sinóptico, logo mais adiante.

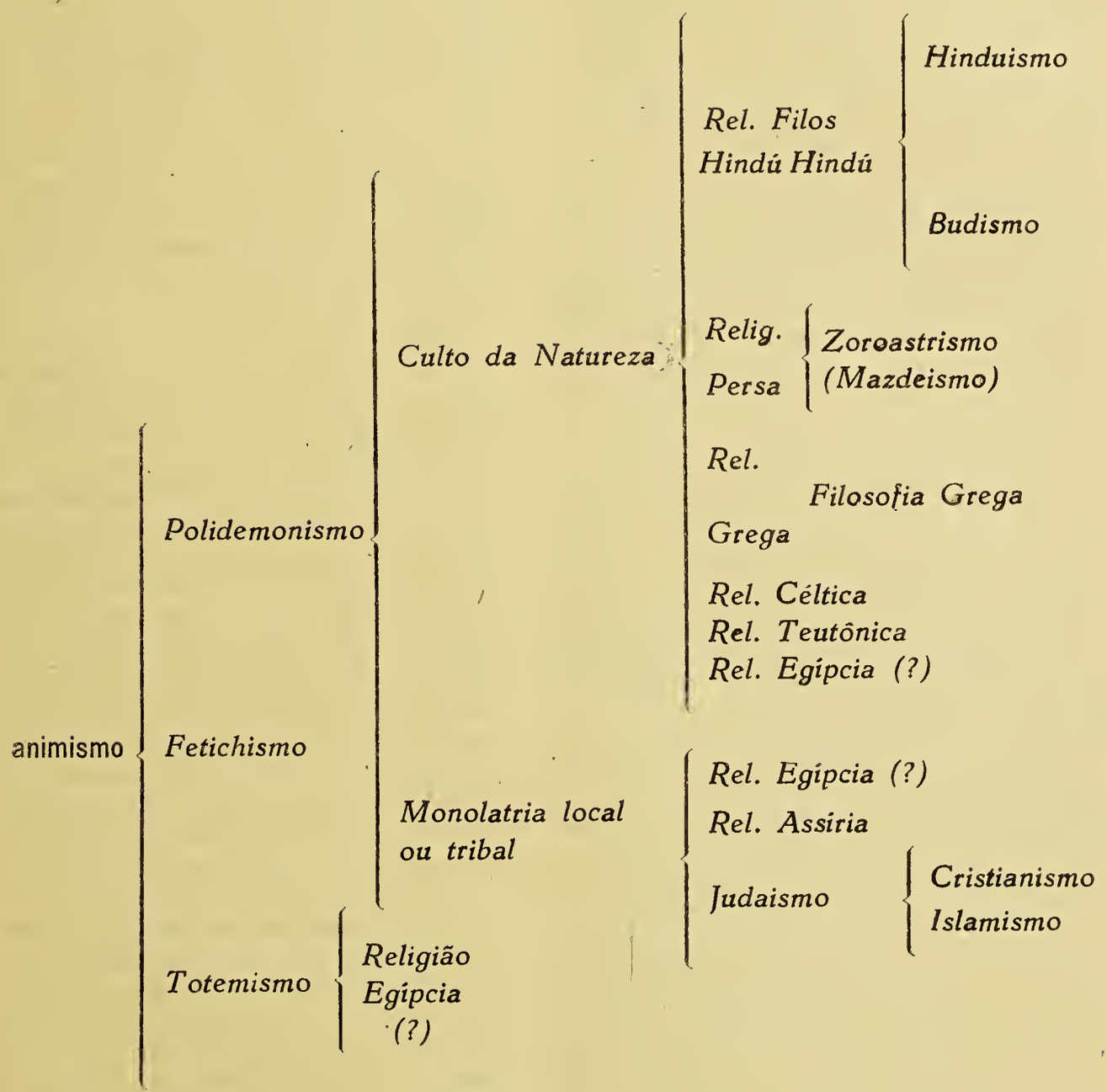
Quanto a essa origem, comum a tôdas as religiões, não ha que divergir dos que assim o reconhecem. Entretanto, a divergência surge quando se trata de explicar a gênese do animismo; quando se atribui, à crença na existência do espírito, uma origem subjetiva. Pelo menos não concordamos, nós os espíritas, que tal convicção se tenha originado apenas de experiências subjetivas. Os indícios deixados

(*) Theodore H. Robinson—«Introduction a L'Histoire des Religions», Trad. do inglês por Georges Roth—Ed. Payot, Paris 1929.

pelos paleolíticos sugerem que o primitivo homem das cavernas presenciou fenômenos da ordem dos que são objeto de estudo da Metapsíquica; que êle teve a *experiência objetiva da existência daquilo que passou a chamar de espírito;* que teve razões para identificar o espírito com algo que sobrevive após a morte do veículo físico; que pôde comunicar-se com êsse algo e sentir-lhe o poder benéfico ou maléfico.

Não pretendemos invalidar as conclusões a que chegaram os especialistas no assunto quando, analisando os processos psíquicos interessados no desenvolvimento do senso religioso na humanidade, descobriram a influência de outros fatores tais como os ligados ao sexo, por exemplo. Mas, se a crença nos espíritos é uma constante, e se ela por si não exclui as outras componentes, por isso mesmo não deve ser por elas excluída. Por conseguinte, trata-se de saber como apareceu êsse fator constante. E' justamente nesse ponto que a interpretação espirítica surge para responder: nasceu de uma experiência objetiva, palpável e direta; e ainda mais: os homens tiveram sempre experiência dêsse gênero, desde as remotíssimas épocas do início do Quaternário, até os dias de hoje.

(Continua).



Filogenia das Religiões
segundo T. H. Robinson

A Conquista do Planêta Marte

V. O. Casella

Se o homem conquistar a Lua, qual seria seu próximo objetivo para avanços mais profundos na busca de outros mundos ?

Baseando-se pela ordem de distância deveria ser o planêta Vênus que, em determinados períodos, acha-se perto da Terra na razão de 42.000.000 de quilômetros. Mas tratando-se de um astro de natureza desconhecida pelos nossos observadores, por estar permanentemente oculto sob espêssa cortina de gáses, parece-nos que as atenções convergirão para Marte. Êste, apesar de mais distante, com aproximação máxima de 56.000.000 de quilômetros, oferece-nos relativamente bôa visibilidade.

Assim, os observadores muita coisa já conhecem sôbre sua natureza, e se um dia nossas projetadas naves interplanetárias para lá se dirigirem, já saberemos quais as provisões necessárias que deveremos levar, protegendo a vida dos nossos viajores terrestres. Vejamos, o que poderão encontrar ali, os nossos primeiros bandeirantes siderais.

Após uma viagem no silêncio do espaço, a qual deverá ir além de três mêses, na base da velocidade dos atuais satélites artificiais, o viajor, ao pisar o solo marciano, sentir-se-a um tanto mais leve, devido a pouca atração do planêta, cujo volume é quase sete vêzes menor que o da Terra. O ar, ali, além de menos denso que a nossa atmosfera, ainda é pobríssimo em oxigênio, sendo que tal condição não obstará o programa dos exploradores, que já terão vencido essas dificuldades mais agudas em estágio na Lua.

Se o desembarque se der na fase do dia, em região vantajosamente batida de sol, a temperatura não será estranhável, mas chegando a noite terão frio intenso, podendo atingir extremos de 60 a 80 graus centígrados abaixo de zero. As paisagens marcianas também não serão agradáveis. Numerosas áreas desérticas prevalecem sôbre a superfície do astro, avançando contra as zonas de vegetações inferiores. Ali, a ausência de matas, como as nossas, é completa. Ao contrário da natureza líquida terrestre, o solo do planêta não possue mares e lagos. São poucos os seus cursos d'água, cujo fluxo e refluxo parecem ser regulados pelos avanços e recuos das calotas de seus polos gelados, de acôrdo com as épocas quentes ou frias das estações do ano marciano. Tempestades de pó hostilizarão os intrusos visitantes, e se houver chuvas, estas estarão limitadas a leves chuvisqueiros.

Pelo que sabemos, os aspectos da natureza de Marte deve ser um meio têrmo entre o inferno da Lua e as exuberantes belezas do rico e colorido solo da nossa Terra.

Quanto à sua habitabilidade, cientìficamente falando-se, os nossos observadores até hoje, apesar dos modernos instrumentais óticos, não encontraram uma única prova de existência de sêres inteligentes marcianos. Não se deve interpretar nessa ausência documentária, como uma confirmação da ciência sôbre a não habitabilidade do planêta vizinho. Se existe o Homem de Marte, até o momento nenhum sinal dele tivemos. Sôbre os tão falados canais artificiais, vistos por Schiaparelli em 1877, não foram confirmados pela fotografia.

Não estariam os supostos marcianos habitando cidades subterrâneas, protegendo-se das condições hostis externas do planêta ? E na hipótese de existir ali uma raça, no mesmo plano da nossa cultura, não estariam êles também duvidando da habitabilidade da Terra, julgando ser o nosso solo, com tanta água e calor, insuportável para a vida de sêres inteligentes de estrutura delicada como a dêles ?

Tudo podemos imaginar, mas qualquer hipótese sôbre a existência de sêres inteligentes dêsse outro mundo, carecerá de provas para que a nossa ciência se pronuncie nesse palpitante assunto.

Contudo, os cientistas em geral aceitam em princípio a existência de sêres vivos inferiores na sua orla. Com a

presença de água e vegetação, a vida animal deverá ter ali seus representantes, por mais modestos que sejam os animalículos.

Diante das dificuldades atuais, esperemos o futuro, e talvez ainda neste século se decida essa questão, embora deveríamos antes cuidar dos problemas íntimos da nossa humanidade, para depois nos interessarmos pela conquista dos outros mundos.

Caixa Postal 153 — Est. de São Paulo — Araraquara

A propósito de um Livro

(Quando do 50.º aniversário de Josué de Castro)

— II —

FERNANDO TOLEDO

Voltemos a Malthus. A propósito dêle, ou melhor, dos neomalthusianos, e, particularmente, de Vogt, diz Josué de Castro: «A política neomalthusiana de uma economia desumanizada, que preconiza que se deixe morrer os fracos e os doentes, que se ajudem os famintos a morrerem mais depressa e que chega ao extremo de desaconselhar o uso dos recursos médicos e sanitários às populações mais miseráveis, como o faz Vogt, apenas traduz o sentimento egoístico e mesquinho de quem vive bem e se sente horrorizado com a inquietante presença viva dos que vivem mal». E continua: «A verdade é que, para Vogt, o mundo deve ser considerado como uma recepção de gala para convidados de categoria, e não uma festa de rua, com o desesperapo apêrto e inquietante desconfôrto das cotoveladas e das pisadelas. E por isso aconselha que se expulsem impiedosamente de sua festa aquêles importunos— aquêles demancha-prazeres da vida folgada de antigamente. Na sua política de salvação, Vogt não tem escrúpulos em prescrever os recursos mais desumanos. Em sua fúria de depuração da humanidade — eterna doença, dizemos nós agora, num parêntese às palavras do médico brasileiro, característica, por sinal, de alguns «puríssimos» arianos, não só da Alemanha de Hitler, como de certos sociólogos americanos do norte (vide «Bandeirantes e Pioneiros», de Vianna Moog) — chega a invetivar contra os médicos e contra a Medicina Moderna, por tentarem salvar vidas pela aplicação de métodos preventivos e curativos, nas regiões mais atrasadas do mundo, porque para Vogt, estas vidas são indesejáveis.»

Como se vê, Vogt pode ser eminente como nutricionista, mas não é, porém, dotado de alma nobre e de alta visão, a ponto de o ser também como espírito elevado e altamente humanitário, de que a presente época tanto necessita, e como sói a acontecer com aquêles que, em verdade, vêm ao mundo com a responsabilidade de u'a missão ampla, no mais alto sentido da palavra.

Para teóricos sombrios como Vogt deixaria de ter significação a vida apostolar de certos homens, como, para exemplificar, de um Albert Schweitzer, o sublime «apóstolo dos negros na África», porque os negros seriam criaturas inferiores e os ideais humanitários não passariam de meros sonhos de utopistas.

Não é sem razão portanto, após se abeberar de teorias tão estapafúrdias e contrárias a todo sentimento cristão inato no homem, que a presente geração se encontra desorientada, intimamente não vendo qualquer razão de ser na vida, com semelhantes princípios.

Com tão evidente aberração aos ensinos eternos do Cristo, não é sem razão, tornamos a dizer, que os países, no presente estágio de civilização, tanto do Oriente como do Ocidente, se apeguem ao poder econômico como único meio de, pela fôrça ou pela coação velada, sobreviverem e salvarem a «asquerosa pele», esquecidos, tanto uns como outros, de que, antes de mais nada, o homem, sêr imortal, cujo destino é sagrado, é um «temperamento», um sêr pensante, que não pode ser «moldado» como u'a máquina ao organismo social «padronizado», qualquer que êste seja—caso contrário deixaria de haver valor moral decorrente da prática de seus atos. Se é verdade que a *educação* aprimora e concorre para completar a personalidade do ente humano, de forma bastante acen-

tuada, por outro lado é totalmente insuficiente para criar, no espírito da criatura, o sentimento sagrado do amor—resultante natural da «absorção» do Amor Divino.

Antes de tudo, é a compreensão dêsses valores espirituais, universalmente aplicados e aceitos, que mais interessa a todos, particularmente ao espírita.

Na verdade, uma das causas da existência da fome no mundo, do constante estado de desnutrição em que vive, até hoje, grande parte das criaturas humanas, é a ganância do ouro por parte das nações colonizadoras, como a França, a Inglaterra e, mais modernamente, os Estados Unidos, entre algumas outras. É que, visando exclusivamente o lucro máximo, sempre em menor tempo possível, limitaram-se os países colonizados à monocultura, descuidando completamente do indivíduo como ente humano, daí o atraso em que vivem até agora muitos povos que foram dominados longo tempo por elementos alienígenas. Entre inúmeros exemplos, cita Josué de Castro—Pôrto Rico, ilha que esteve sob o «protetorado» americano. Atualmente, os seus habitantes se apresentam grandemente subnutridos, não se falando da enorme ignorância em que vive grande parte de pôrto-riquenhos, em conseqüência principalmente de ali só se haverem limitado ao cultivo da cana de açúcar. Criam-se latifúndios, e nada de seu, para o seu cultivo particular, possuem os indígenas. Mais tarde, depois de se libertarem do domínio material estrangeiro, ficam, automàticamente, escravizados à monocultura. (Como aqui no Brasil de certa forma tem acontecido com a quase monocultura do café, única fonte de divisas, pode dizer-se, para um País que cresce dia a dia, com uma população de aproximadamente sessenta e três milhões de habitantes, e que por isso mesmo precisa urgentemente de ampliar o seu mercado, assim como de tratar de explorar as suas riquezas naturais, infinitas, no subsolo, ainda em estado virtual).

Diz E. Huntington—quem o cita é Josué de Castro—que, em Pôrto Rico, devido à influência dos capitais norte-americanos, «240 mil acres são dedicados ao açúcar, 190 mil ao café e cêrca de 50 mil ao fumo, havendo apenas 160 mil dedicados ao cultivo do milho, feijão e batata doce ou inhame, os três alimentos básicos da ilha. Tomando em consideração tôda a área, os agricultores de Pôrto Rico cultivam para a exportação uma superfície três vêzes maior do que a dedicada à produção dos alimentos para consumo doméstico».—Resultado: os subalimentados pôrto-riquenhos têm de «importar grande quantidade de alimentos por preço acima do poder aquisitivo do grosso dos seus habitantes».

Pôrto Rico sofre também do exagêro de população, e Josué de Castro explica que um dos males da super-população, em vários países, geralmente é devido à miséria: os indivíduos mal alimentados tendem, em geral, a se tornarem fecundos: «os povos submetidos à ação contínua de uma alimentação deficitária, longe de diminuirem seu apetite sexual apresentam exaltação dêste e nítido aumento de fertilidade».—Os chineses, que sofrem (ou sofriam) de «fome crônica», que se alimentam dificientemente, quase que exclusivamente de arroz, seriam um exemplo de fecundidade procriadora. Já no caso de «fome aguda», porém, o indivíduo torna-se estéril, indiferente à excitação sexual, como se observaram em homens e mulheres libertados dos campos de concentração, e que só com o tempo, com tratamento adequado, voltam ao normal.

Nos casos dos povos tristonhos e incapazes, e que os alemães nazistas atribuiram à inferioridade de raça, outra coisa não seriam tais fenômenos que carências alimentares. A subnutrição, segundo modernamente se tem observado, produz também doenças várias, como — pelagra, escorbuto, raquitismo, beribéri, xeroftalmia, bócios endêmicos, osteomalacia, anemia etc. O organismo necessita de vitaminas, de proteinas, enfim de «elementos indispensáveis à sua nutrição».

É com certo desconsôlo entretanto que o A. se refere várias vêzes à falta de compreensão do problema por parte dos governos mundiais, mais interessados no monopólio dos produtos de primeira necessidade do que em procurarem, através da fundação, por ex., de um Organismo Mundial de Alimentação, a solução pacífica e humanitária da fome no mundo. Conclui então lògicamente o escritor que vive a humanidade, sem dúvida, sua hora decisiva — a da «luta entre o pão e o ouro»: o primeiro simbolizan-

do a tranqüilidade e a harmonia para todos, e o segundo a descarada especulação e a competição desumana; compete aos povos responsáveis por conseguinte, escolherem os dois caminhos: o primeiro, da paz, do amor e do respeito à vida da criatura humana; o segundo, da guerra destruidora, da anarquia, no pior sentido da palavra, do sofrimento, do horror.

Josué de Castro, em várias partes de sua interessante obra, apostrofa veementemente os povos responsáveis por um melhor nível de vida no mundo. Para êle, a paz não depende tanto da política, mas, e principalmente, de menos ambição de ganho por parte dos homens, de mais humanidade e justiça, distribuindo equitativamente os alimentos, irrigando e cuidando, pelos mais modernos métodos, vastas áreas do globo consideradas improdutivas, mas que vivem relegadas ao abandono. Para o médico patrício, os povos querendo, todos êsses problemas poderão ser solucionados, e a paz no mundo será possível. Ao que acrescenta Pearl S. Buck, Prêmio Nobel de Literatura de 1938, no prefácio da edição norte-americana desta obra, «dever ser esta uma notícia, para aquêles que preferem a guerra à paz, muito desagradável, mas é uma gloriosa notícia para a maioria da humanidade». Qualifica, a ilustre autora de «A Boa Terra», de ridículos os tempos atuais: — «Ridículos porque, embora a paz seja prática e possível, indivíduos há, em várias partes do mundo, tocando tambores para manufaturar uma guerra.»

«As duas guerras e as revoluções russa e chinêsa, diz o admirável nutricionista patrício, e que, diga-se de passagem, queremos repetir, fala com autoridade de homem frio e observador, universalmente respeitado na sua especialidade, uma vez que exerceu em 1951 (sendo atualmente reeleito para êste pôsto) o alto cargo de Presidente do Conselho da Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (a F.A.O.), «as duas guerras e as revoluções russa e chinêsa foram apenas manifestações aparentes ou sintomas da revolução mundial em marcha». E esclarece: «A palavra *Revolução* é aqui empregada não para significar um processo violento de derrubamento das autoridades constituídas e de tomada de poder, e sim, para expressar um processo de transformação integral, de transmutação histórica, de substituição de um mundo de convicções sociais por outro diferente, no qual os valores sociais anteriores já não têm significação».

A fome, para Josué de Castro, como certamente para todos os indivíduos que raciocinam um pouco, é praga fabricada pelo homem: sua causa principal — o imperialismo econômico.

Os jornais anunciam que, quando das homenagens prestadas ao ilustre cientista brasileiro, seria lançado um livro sôbre o «Drama Universal da Fome», Simpósio que objetivará o estudo dêsse terrível mal, que é a fome, e que, já nos tempos dos faraós do antigo Egito, constituía flagelo para os povos.

Aguardamos, com natural curiosidade, a publicação dessa obra, assim como certamente todos aquêles que se interessam pelo progresso material e espiritual da raça humana e da libertação progressiva do homem dos tabus que têm obstado a evolução moral do mundo, impedindo assim um mais amplo e esclarecido estudo de certos problemas que afetam diretamente a vida do homem na Terra.

Nos fins do século XIX e princípios de século XX Freud, demonstrando uma coragem e um amor à verdade só dignos dos grandes Espíritos, de uma vez por tôdas despiu a hipocrisia dos homens do seu tempo e atacou de frente o assunto «posto de quarentena» — inclusive por cientistas! — que era a questão sexual. — Hoje, o nosso Josué de Castro, com o mesmo destemor próprio dos homens de alta visão e arrojados, fendeu a «muralha da China» que rodeava êste outro assunto proibido, discutido sempre muito a mêdo e atrás das cortinas pelos «barrigas-cheias» de todo o mundo — que é o escandaloso assunto da fome, da fome universal, aguda ou crônica, que infelicita a humanidade tôda, inclusive a própria nação Americana!

O assunto diz respeito bem de perto, pois, aos espíritas inteligentes, sabedores que são, sem dúvida, de que êle nos fala bem de perto, mesmo porque, no dizer do Codificador, o Espiritismo não se funda exclusivamente em «abstrações metafísicas», mas sim em princípios que se assentam «nas leis da Natureza»

(vide «Obras Póstumas», pág. 341, 9.a ed.): em fatos concretos, portanto, materiais, por assim dizer. Sem o desejo sincero de procurar-se a solução dêles, quase impossível se tornará, conseqüentemente, a implantação, neste mundo, de uma justiça maior: fugir à lógica dêste raciocínio é desvirtuar o espírito essencialmente perquiridor e prático da Doutrina, para cair no fatalismo místico e, «ipso facto», estéril das outras religiões.

Aconselhamos os confrades que ainda não o fizeram, a comprarem e lerem, ou melhor, estudarem «Geopolitica da Fome», visto que esta obra de grande atualidade deve ser não só lida muitas vêzes, mas, também, estudada e meditada.

(Conclusão).

(São José do Rio Preto, setembro, 1958).

CRIA A CADEIRA DE PARAPSICOLOGIA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO BRASIL

1958 – PROJETO DE LEI N.

Cria a Cadeira de Parapsicologia nas Faculdades de Medicina do País

Considerando que a Parapsicologia, a qual estuda, sob os cânones da Ciência oficial, os conhecimentos que chegam ao homem por via extra-sensória, bem como os demais fenômenos tidos por paranormais, hodiernamente constitui matéria ensinada em cursos superiores de principais nações do mundo;

considerando que há quase meio século foi criado o «Psychical Research Departament» da «Leland Stanford University of California», nos Estados Unidos;

considerando que hoje a Cadeira de Parapsicologia faz parte dos cursos de cêrca de 50 universidades e colégios da América do Norte, entre os quais a Harvard University, a Columbia University, a New York University a Duke University, a Miami University, a Washington University, a Princeton University, a Stanford University, a Croningen University, a Fordham University, a Drake University, a Colgate University, a Brown University, a Clark University, a Pardue University, a Southwestern University, a Tulane University, a Wayne University, a University of Alberta, a University of Bonn, a University of Colorado, a University of Glasgow, a University of Illinois, a University of London, a University of Michigan, a University of South California, o Antioch College, o Bard College, o Cettisburg College, o Connecticut State College, o Farlham College, o Florida State College for Women, o Guilford College, o Hamden-Sydney College, o Hanover College, o Hunter College, o John Hopkins College, o Massachusetts State College, o Queen's Chicara College, o Skidmore College, o Tankio College e o Wisconsin College;

considerando que na Universidade de Friburg, da Alemanha, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de Hans BENDER, médico alemão e, ainda, Diretor do Instituto de Parapsicologia e de Psicohigiene da mesma Universidade;

considerando que na Universidade de Utrecht, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de W. C. TENHAEFF, psicólogo holandês;

considerando que na Universidade de Leyde, da Holanda, foi criada a Cadeira de Parapsicologia, com laboratório especializado, a cargo de P. DIETZ, médico, neurologista holandês;

considerando que na Bélgica foi criado um órgão consultivo, em matéria de fenomenologia paranormal, sob a denominação de «Conseil de Recherches Métapsychiques de Belgique», no ano de 1924, pelo paleontólogo A. RUTOT, membro da «Academie Royale de Belgique», e instituido um «Comité Officiel pour Investigation des Phénomènes Réputès Paranormaux», no ano de 1949, por ato do Govêrno Belga («Moniteur Belge», órgão oficial do Govêrno Belga, de 4-6-1949, Anexo, pág. 589)—comitê, êsse, integrado por médicos, engenheiros e advogados;

considerando que nas universidades inglêsas de Londres, de Oxford e de Cambridge funcionam, como órgãos de supervisão da pesquisa psíquica e de investigação dos fenômenos paranormais, respectivamente, o «Council of London

Psychical Research of Oxford's University» e a «Cambridge University Society for Psychical Research»;

considerando que na Universidade de Harvard, dos Estados Unidos, funciona a «Society of Parapsychology», sob a presidência do médico e parapsicólogo norte-americano S. David KAHN;

considerando que as sociedades fundadas para investigação da fenomenologia paranormal, com finalidade e métodos científicos, de regra são presididas por médicos, inclusive psiquiatras e psicanalistas, de fato;

considerando que desde 1922 funciona na Alemanha a «Aertzliche Gesellschaft für Parapsychologische Forschung» («Sociedade Médica de Investigação Parapsicológica»), fundada por Paul SUNNER, psiquiatra e parapsicólogo alemão, Chefe do Asilo d'Aerzberg e Diretor do «Zeitschrift für Parapsychologie», de Berlim;

considerando que na Argentina de há muito funciona a «Asociación Médica Argentina de Metapsíquica», sob a presidência de Orlando CANAVESIO, psiquiatra argentino e Diretor do «Instituto de Psicopatologia Aplicada Argentino»;

considerando que em Varsóvia funciona a «Sociedade Médica Polonesa de Investigações Psíquicas»;

considerando que a Comissão Diretora da «Polskiego Towarzystwa Badán Psychicznych» de Varsóvia («Sociedade de Investigações Psíquicas da Polônia») já foi presidida por Thadei SOKOLOWSKI, médico, neurologista polonês;

considerando que a «Society for Psychical Research» da Inglaterra teve por presidente William JAMES, médico norte-americano, antigo Professor de Fisiologia da Universidade de Harvard e célebre filósofo (1894/5)—Charles RICHET, médico francês, Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina (1905) — Mrs. Henry SIDGWICK, médica inglêsa 1908 e 1932) —T. W. MITCHELL, médico e psicólogo inglês, Diretor de «The British Journal of Medical Psychology» (1922)—e Hans DRIESCH, médico e parapsicólogo alemão, além de figuras do porte de William CROOKES, célebre físico e químico inglês (1896/9), e Henri BERGSON, célebre filósofo francês (1913);

considerando que o «Institut Métapsychique International» da França foi dirigido por Gustave GELEY, médico francês, de 1919 a 1924, e por Eugéne OSTY, também médico francês, de 1924 a 1937, e teve por Presidente ROCCO SANTOLIQUIDO, médico italiano, antigo Professor de Terapêutica da Faculdade de Medicina da Universidade de Nápoles e ex-Diretor da Saúde Pública da Itália, e por Presidente de Honra Charles RICHET, antigo Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de París e Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina;

considerando que o «Comité d'Administration» do «Institut Métapsychique International» da França é integrado, com outros metapsiquistas, pelos seguintes médicos francêses: B CUNEO, Professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de París e membro da «Académie de Médecine» da França— J. VINCHON, psiquiatra, Médico-assistente do Serviço de Psiquiatria do «Hospital da Pitié», de Paris,—François MOUTIER, Chefe de Laboratório da Faculdade de Medicina da Universidade de Paris — G. MAINGOT, Chefe do «Service d'E'lectroradiologie» do «Hôpital Laennec», de París —Jean-Charles ROUX, Vice-presidente do Instituto—Henri DESOILE, psiquiatra —Pierre PROST, psiquiatra — J. MAXWELL e B. LENGLET, clínicos—Comitê, êsse, de que já fêz parte médico como E'mile CALMETTE, bacteriologista francês;

considerando que o «Consiglio di Presidenza della Associazione Italiana Scientifica di Metapsichica», de Milão, é integrado, com outros matapsiquistas, pelos seguintes médicos italianos: Ferdinando CAZZAMALLI (Presidente), neuropsiquiatra, Professor da Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Milão — Placido CONSIGLIO (Vice-presidente), General-médico do Exército Italiano — GAETANO BOSCHI, neuropsiquiatra, Professor da Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina da Universidade de Módena Edoardo CARVAGLIO, General-médico do Exército Italiano—Aleardo CERIOLI, Diretor do «Ospedale Civile» de Lonate — e Venturino VENTURINI, clínico em Milão;

considerando que a «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», a qual tem como uma de suas finalidades principais a investigação científica da fenomenologia paranormal, foi presidida 15 anos por Levindo MELLO, médico brasileiro, clínico na Cidade do Rio de

Janeiro (1941/56) e antigo Preparador de Fisiologia e de Fisiologia Nervosa da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, (Belo Horizonte);

considerando que a atual Diretoria da «Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro», é integrada, com outros investigadores psíquicos, pelos seguintes médicos brasileiros: Telêmaco GONÇALVES MAIA, Major-brigadeiro-médico da Fôrça Aérea Brasileira (Vice-presidente) — Levindo MELLO (Diretor do Departamento de Difusão Cultural) — Lauro S. THIAGO (Diretor do Departamento Médico-hospitalar) — e Joaquim SANTOS (Diretor do Departamento de Investigações Experimentais) — todos clínicos na Cidade do Rio de Janeiro;

considerando que a «Gesellschaft für Metapsysche Forschung» de Munich («Sociedade de Investigação Metapsíquica») teve por Presidente o Barão Albert VON SCHRENCK-NOTZING, médico, psiquiatra alemão;

considerando que a «Oesterreich Gesellschaft für Psychische Forschung», de Viena («Sociedade Austríaca de Investigação Psíquica»), é presidida pelo Barão Alfred VON WINTERSTEIN, médico, psiquiatra e psicanalista austríaco;

considerando que o «International Institute for Psychical Research», de Londres, teve por Investigador Oficial David FRASER-HARRIS, médico inglês, fisiologista, antigo Professor de Fisiologia da Escola de Medicina da Universidade de Ottawa, no Canadá;

considerando que a «Societá Italiana di Metapsichica», de Roma, teve por cofundador Emilio SERVADIO, médico e psicanalista italiano, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanàlisi» (1956);

considerando que o «Laboratório de Estudos Metapsíquicos» de Lisboa é presidido por Ramiro da FONSECA, médico português;

considerando que a «Société d'Études Psychologiques», de París, a qual se dedicava também a investigação científica dos fenômenos paranormais, tinha por Presidente ALLAN KARDEC, médico francês;

considerando que o «Institut Général de Psychologie», de París, o qual investigava também a fenomenologia paranormal, tinha por co-Diretor Julius OCHOROWICZ, médico polonês, e possuia entre seus membros personalidades de grande projeção científica, como D'ARSONVAL, médico e físico, e PROFESSOR e MADAME CURIE, os célebres descobridores do rádium;

considerando que a «Société d'Études Metapsychiques», de París, é presidida por V. M. BELIN, médico francês, bacteriologista, Diretor do «Institut Bacteriologique de Tours»;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas da Islândia», de Reykjawick, é presidida por E. KVARAN Hjorleifsson, médico e escritor islandês;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas de Riga», na Letônia, é presidida por Karl BLACHER, médico letão e Professor de Química Aplicada na Universidade de Riga;

considerando que a «Sociedade de Investigações Pisíquicas da Noruega», de Oslo, é presidida por Oskar JAEGER, médico norueguês, Professor da Universidade de Oslo;

considerando que a «Sociedade Helênica de Investigações Psíquicas», de Atenas, é presidida por Angelo TANAGRAS, Almirante-médico da Marinha de Guerra da Grécia;

considerando que a «Sociedade de Investigações Psíquicas e Metapsíquicas da Rumânia», é presidida por Levon MIRAHORIAN, médico rumeno e Professor de Neurologia da Universidade de Cluj;

considerando que a «Turkiye Metapsiki Tetkikler ve Ilmi Arastir malar Cemiyeti», de Estambul («Sociedade de Metapsíquica e Investigação Científica da Turquia»), é presidida por Bedri RUHSELMAN, médico turco;

considerando que a «Sociedade Japonesa de Ciência Psíquica», de Yokohama, é presidida por Wasaburo ASANO, médico japonês;

considerando que a «Society for Psychical Research», da Índia é presidida por SANJIVI, médico indú;

considerando que a «Society for Psychical Research» de Winnipeg, no Canadá, foi presidida por Glen HAMILTON, médico canadense;

considerando que a «American Society for Psychical Research», de Nova York, é presidida por George HYSLOP, médico norte-americano;

considerando que a Dinamarca foi representada, no Primeiro Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1921, na Cidade de Copenhague, pelos médicos A. FRIEDENREICH (pro-

fessor de Medicina), Ejnar JARLOV (Chefe de Clínica do Hospital do Estado), K. H. KRABBE (Antigo Chefe de Clínica) e August WIMMER (Professor da Universidade);

considerando que a Suécia foi representada, no Segundo Congresso Internacional de Investigação Psíquica, reunido em 1928, na Cidade de Varsóvia, por Sydney ALRUTZ, médico e psicólogo sueco, Professor de Psicologia Experimental da Universidade de Upsala;

considerando que os «Comitês Internacionais de Investigação Psíquica», organizados para diversos países, por deliberação do congresso internacional de 1921, ficaram constituidos, com outros cientistas, psicólogos e metapsiquistas, dos seguintes médicos; Gustav HARTER, austríaco, clínico em Viena—Paul BJERRE, sueco, clínico, em Lakare, Tumba - I. ZEEHANDELAAR, holandês, clínico em Amsterdam - N. C. BORBERG, dinamarquês, clínico em Copenhague--Karl VOJACEK e V. RUZICKA, tchecoslovacos, êsse último Chefe do Instituto Biológico da Universidade de Praga;

considerando que representaram os respectivos países no Primeiro Colóquio Internacional de Parapsicologia, realizado em 1953, na Cidade de Utrecht, da Holanda, com outros cientistas, psicólogos, metapsiquistas e parapsicólogos, os seguintes médicos:

Estados Unidos: Jan EHRENWALD e Jule EISEBUND, neuropsiquiatras de evidência no momento, Gotthard BOOTH e Hilde BRUCH, psiquiatras e psicanalistas—Montague ULLMAN, psiquiatra e psicanalista, Professor de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Nova York e S. David KAHN, fundador da «Harvard University Society of Parapsychology»;

Inglaterra: William GILLEPSIE, psiquiatra e psicanalista, antigo Professor de Psiquiatria da Universidade de Londres e ex-Presidente da «British Society of Psychoanalysis»—Louis ROSE, psicólogo, Diretor-adjunto da Secção de Medicina Psicológica do «St. Bartholomew's Hospital», de Londres—e D. J. WEST, psiquiatra, Diretor de Investigações da «Society for Psychical Research» da Inglaterra;

Alemanha: Hans SCHAEFFER, fisiologista, Professor de Fisiologia da Universidade de Heidelberg—Karl SALTZER, antropólogo, Diretor do Instituto de Antropologia da Universidade de Munich — e Joseph WÜST, biólogo, adido ao Instituto de Fisiologia Experimental da Universidade de Munich;

França: Marcel MARTINY, Médico-chefe do «Hôpital Foch», de Paris — Jac DONNARS, clínico em París;

Áustria: Hubert URBAN, neuropsiquiatra, Diretor da Clínica Psiquiátrica da Escola de Medicina da Universidade de Innsbruck;

Itália: Emilio SERVADIO, psicanalista, Vice-presidente da «Societá Italiana di Psicanálisi»;

Suiça: Heinrich MENG, psiquiatra, Professor de Higiene Mental da Universidade de Bâle;

Suécia: John BJORKHEM, clínico em Estocolmo;

Holanda: W. KAT, neuropsiquiatra, Professor de Neuro-psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Amsterdam;

(Continua)

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 180,00	Do 20.º ano Cr.$ 150,00	Do 27.º ano Cr.$150,00
Do 4.º ano . . 180,00	Do 21.º ano . . 150,00	Do 28.º ano . 150,00
Do 5.º ano . . 180,00	Do 22.º ano . . 150,00	Do 29.º ano . 150,00
Do 6.º ano . . 180,00	Do 23.º ano . . 150,00	Do 30.º ano . 150,00
Do 7.º ano . . 180,00	Do 24.º ano . . 150,00	Do 31.º ano . 150,00
Do 18.º ano . . 180,00	Do 25.º ano . . 150,00	Do 32.º ano . 150,00
Do 19.º ano . . 180,00	Do 26.º ano . . 150,00	Do 33.º ano . 150,00

Discussão Esclarecedora

Ismael Gomes Braga

QUANDO os bispos, reunidos em Belém do Pará, tomaram a deliberação de mover uma campanha organizada e permanente contra o Espiritismo, longe estariam de prever todo o desenvolvimento que essa luta teria de ocasionar à propaganda da idéia combatida e a reação nacional contra o Catolicismo Romano no País inteiro. Estavam iniciando uma guerra, na qual substimavam o valor do adversário — a Verdade — e se esqueciam de que as suas armas de combate estavam velhas, enferrujadas, já ultrapassadas pelo progresso do século XX e só poderiam levá-los a duras perdas.

Uma das armas de que lançaram mão foi um juramento anti-espírita, cujo texto com tôdas as instruções foi publicado com relêvo pelos jornais espíritas, que reproduziram tudo sem comentários, porque era desnecessário esclarecer a inépcia de tal processo.

Depois vieram artigos e folhetos de um vazio estarrecedor, baseados em conversas de antigos teólogos.

Surgiu uma coleção de brochuras com o título comum «*Contra a Herezia Espírita*», tôdas de uma pobreza intelectual e de um desinterêsse inconcebíveis. Só uma dessas brochuras merece atenção, porque expõe a Doutrina reencarnacionista e dá a época em que esta Doutrina começou a ser divulgada em cada país, reconhecendo sua universalidade. Chama-se «*Reencarnação, Exposição e Crítica*». A «exposição» está boa, mesmo melhor do que poderíamos esperar de tal fonte, mas a «crítica» não tem nenhum valor.

Êsse opúsculo de Frei Boaventura, O. F. M., teve a boa ventura de levar o estudo do interessante tema aos leitores católicos que não têm permissão de ler nossos livros e só por isto nos prestou um grande serviço; mas não foi só nem o melhor: inspirou um alentado volume a Mário Cavalcanti de Melo, «*Como os Teólogos Refutam...*»; não só fica anulada a crítica de Frei Boaventura, mas todos os dogmas católicos ficam profundamente abalados, senão mesmo postos por terra.

O Autor espírita não se limitou a defender o Espiritismo: contra-atacou o Catolicismo em sua própria cidadela e demonstrou que o castelo é de papelão carunchado, sem resistência alguma, e está caindo de velho, porque não suportou o progresso de nosso tempo. Faz um arrazamento completo do «Pecado Original», da «Doutrina das Graças», do «Inferno», do «Purgatório», da «Divindade de Jesus», da «Trindade», etc.

É um livro forte e indestrutível, pois que fundado sôbre documentos históricos da própria Igreja.

Se confrontarmos essa crítica arrazadora de Mário Cavalcanti de Melo com as «lamentações» de fontes católicas, publicadas em alguns jornais diários, como, por exemplo «O Globo», vemos que a situação da Igreja é muito mais frágil do que se poderia supor pelas estatísticas. Numa dessas lamentações o Sr. Cardeal Dom Jaime Câmara declara que os católicos não obedecem mais a seus bispos; em outra fica dito por um líder católico, que o Catolicismo no Brasil é religião de minoria. Num artigo de «O Globo», divulgado pela Agência Meridional e reproduzido nos jornais do País todo, fica dito que não há 10 % de católicos no Brasil, e acrescenta que «Na Assembléia Geral dos prelados e reitores católicos que se realizou em Roma, o Secretário do Conselho Episcopal latino-americano afirmou ser o Brasil o país mais espírita do mundo...» Copiamos estas palavras de «Diário Mercantil», de Juiz de Fora, que as reproduz de «O Globo», do Rio de Janeiro.

Para o Autor de «Como os Teólogos Refutam...», o Espiritismo não é religião, é filosofia. Provàvelmente faz êle esta distinção — contràriamente à demonstração de Carlos Imbassahy — afim de que não se confunda o Espiritismo com as igrejas que pouco bem e muitos males têm feito ao mundo. A questão de palavras não importa para nós: que se chame a filosofia de Augusto Comte de

«Religião de Humanidade», ou o Espiritismo de filosofia religiosa, de religião filosófica ou de «Ciência, Filosofia e Religião», não vamos discutir assunto já muito debatido por outros. Só estamos dando esta nota para que fique claro o que vamos citar do Autor. Diz nas páginas 326/7:

«A religião e o materialismo nada tendo podido fazer para melhorar a sorte da humanidade, incumbiu-se disto a Filosofia, que muitas vêzes trouxe ao homem consolações poderosas e melhorou situações bem tristes.

«Entre as filosofias, o Espiritismo tem sido para o homem um socorro valiosíssimo; êle terá, bem compreendido, o condão de salvar a humanidade das catástrofes ameaçadoras que infelicitam o planêta. É uma filosofia nova, iniciante, mas que tem sido a constante preocupação de um sem número de sábios, que lhe têm dedicado grande parte de sua vida. Estamos certos de que, com o tempo, amadurecerá na consciência dos homens.

«O que nos dá ensejo de afirmar que o Espiritismo chegará certamente a uma renovação social tão desejada, é o número de centros espíritas que surgem de tôdas as partes e todos os dias, e ainda seus jornais e seus livros, a ensinarem com lógica invulgar, a sua elevada doutrina de amor, de justiça, de perdão e de tolerância».

Essa esperança do Autor se baseia em fatos muito positivos: o fenômeno espírita é universal e eterno; o Espiritismo tem que estar sempre renascendo, sempre se renovando, sem embargo de tôda a oposição que lhe movam os homens. Pode condenar-se Galileu, pode queimar-se Giordano Bruno, mas a Terra não deixará por isso de mover-se; é um fenômeno natural; o Espiritismo igualmente se funda sôbre um fenômeno natural: a comunicação dos «mortos» com os vivos.

O Esperanto e o Espiritismo

Pergunta: — Temos notado que o Esperanto é um idioma bastante simpático pois, além de ser aceito pelos espíritas, preferem-no também alguns sacerdotes católicos, adeptos do esoterismo, teosofistas e outros espiritualistas.

Ramatis: — A rota do Esperanto é a mesma do Evangelho, pois ambos se afinizam. À medida que o homem se evangeliza, também se universaliza e, portanto, necessita de um idioma que corresponda com êxito e facilidade às suas avançadas aspirações por um melhor entendimento espiritual no mundo. Eis porque o Esperanto já possui cultores em tôdas as raças, credos, religiões e filosofias, embora devamos destacar que isso acontece porque se trata de pessoas que também são simpáticas e devotadas à melhoria da confraternização da humanidade. Esses esperantistas, pertencentes a diversos credos e filosofias, inegàvelmente já constituem um fragmento da admirável humanidade fraterna do futuro, pois o Esperanto já está aferindo o grau dos seus sentimentos universalistas.

Os esperantistas, quer sejam adeptos ou não de qualquer crença, ou oriundos de qualquer raça, já se encontram distinguidos por significativa credencial espiritual, visto que na justeza da lei de que os «semelhantes atraem os semelhantes», as criaturas fraternas certamente serão inclinadas a adotar um idioma que vibre com os seus ideais também fraternos. Por isso elegem o Esperanto como a sua língua ideal e cultuam-no como o revelador dos seus sonhos de confraternização humana.

Pergunta: — Não será um tanto inoportuna a preocupação dos espíritas em aliarem aos seus esforços doutrinários a divulgação do Esperanto? Isso não deveria ser tarefa exercida exclusivamente por elementos especializados no assunto e como um movimento a parte do Espiritismo?

Ramatis: — Tôda instituição, doutrina, credo ou movimento espiritualista que aspire a unir e confraternizar os homens deve se obrigar à divulgação do Esperanto, pois num mundo onde a palavra falada ou escrita ainda é o principal agente de intercâmbio dos pensa-

mentos humanos, o cultivo da mesma linguagem torna-se abençoado recurso para a mais breve fusão emotiva e sintonia psicológica entre as criaturas separadas pelas mais distantes latitudes geográficas.

O Espiritismo, como doutrina de caráter universalista, é divino fermento a aumentar todos os esforços confraternistas; assim, cumpre-lhe incentivar todos os esforços humanos que tenham por objetivo a solidariedade e o entendimento entre os homens. Considerando que o Evangelho de Jesus é a mensagem espiritual definitiva para o homem alcançar o Caminho, a Verdade e a Vida, e o Esperanto a mensagem verbal que multiplicará entre os homens a oportunidade de evangelização, o Espiritismo pode se tornar o admirável traço de união entre ambos, porque a sua função também é a de renovar o espírito e proporcionar a Paz entre os homens!

Extraido da obra «A Sobrevivência do Espírito», a sair breve.

A Teoria Corpuscular do Espírito

Uma teoria explicativa da variada e complexa fenomenologia espírita é bem recebida pelos estudiosos do assunto, desde que seja apresentada após uma exaustiva observação e comparação dos fenômenos, e de forma clara e lógica.

A idéia de que o espírito seja uma partícula do tipo foton (unidade corpúsculo-energética da luz), porém com propriedades substancialmente diferentes, é esposada há algum tempo por certos pesquisadores, como Quaglia, na Itália, J. Fernandez, na Argentina, etc. Êste assunto chegou a preocupar Kardec, como se nota ao formular a pergunta n.° 28 e anteriores do Livro dos Espíritos. Geley, em fins do século passado, após um profundo estudo dos fatos espíritas e naturais, deduziu que não se pode conceber matéria sem inteligência, nem inteligência sem matéria (Resumo da Doutrina Espírita, Lisboa, 1945).

A concepção corpúsculo-energética do espírito, após as recentes conquistas da Física Nuclear, tomou um novo impulso, e acha-se no momento em plena evolução; é defendida por distintos metapsiquistas e espíritas. Entre êstes, acha-se o eng. Hernani G. Andrade, conhecido confrade de S. Paulo, cujas conferências e aulas em Centros e Mocidades são sempre concorridas e apreciadas. Após vários anos de estudo do Espiritismo, da Física, da Matemática e da Biologia, e tomando por base o antigo postulado de que nada na natureza é contínuo, o nosso prezado confrade elaborou a chamada Teoria Corpuscular do Espírito. Coube a União da Mocidade Espírita de S. Paulo, em princípios de 1956 apresentá-la pela primeira vez, em um de seus tradicionais cursos doutrinários. Em breve essa teoria será publicada, o que motivará o estudo e crítica por parte de muitos interessados.

O «átomo espiritual» apresentado tem uma certa analogia com o átomo material; em vez de eletron, proton e neutron tem-se novas terminologias: bion —quantum de vida, mentalton—quantum de percepção — memória, e intelecton — quantum de inteligência; mônada é o espírito mais simples possível que se pode conceber, de acôrdo com essa teoria.

É importante ressaltar os seguintes pontos da Teoria Corpuscular do Espírito: 1.°) ela está plenamente de acôrdo com as ciências atuais e com a doutrina espírita, especialmente com as obras de André Luiz, 2.°) ela compreende uma parte teórica e uma parte prática, para fins de comprovação, e 3.°) ela explica uma gama extensa de fenômenos espíritas, anímicos e biológicos, que desafiam o conhecimento dos cientistas.

Por deferência do autor, apresentamos abaixo os títulos dos 10 capítulos do 1.° volume da obra, tôda documentada e a mais clara possível: O Espiritismo perante as outras ciências, Das bases da teoria, A 4.ª dimensão e o hiperespaço, Das formações espirituais, O fenômeno da vida, A origem da vida, A reencarnação e a genética, O mecanismo da reencarnação, Os fenômenos metapsíquicos e Conclusão (plano da parte experimental, etc).

Os mensageiros espirituais tem for-

necido aos espíritas verdadeiras chaves da vida espiritual e dos fenômenos mais sutis da natureza, porém cabe ao próprio homem através do estudo, da observação e da pesquisa, aproveitar essas chaves e apresentar teorias explicativas acêrca de Deus e da evolução dos sêres vivos. Sòmente pelo estudo e pela prática do bem poderemos compreender a verdadeira natureza de Deus. O homem moderno incapaz de conceber a existência de uma Inteligência superior sòmente pelo prisma religioso; êle pedirá provas da Sua existência. As teorias espíritas aparecem então para explicar os fenômenos mais delicados da natureza, que se forem comprovadas passarão a ser leis. Teremos assim, mais cedo ou mais tarde, Leis Espíritas, como existem no momento Leis de Química, de Física, de Astronomia, etc.

É com grande expectativa que aguardamos o aparecimento do trabalho do estimado confrade Hernani, e oxalá a crítica espírita e leiga externe sinceramente o seu ponto de vista. Temos certeza que pelo menos ela traçará um novo programa de estudo dos fatos mediúnicos, colocando-os no seu devido lugar (observação rigorosa, contrôle, e documentação).

C. Pimentel

S. André, 4-8-58

ESPERANTA RESUMO:

Oni anoncas la estontan eldonon de nova teorio korpuskula de la spirito, verkita de ing. H. G. Andrade, el S. Paulo, bazigita en spiritisma doktrino, Fiziko, Biologio kaj Matematiko. Tiu teorio klarigas multajn spiritismajn, animismajn kaj biologiajn fenomenojn, kaj havas grandan valoron teorian kaj praktikan.

PESQUISAS METAPSÍQUICAS EM DIVERSAS UNIVERSIDADES AMERICANAS E EUROPÉIAS

As pesquisas metapsíquicas invadiram decisivamente os meios universitários da Europa e da América. Na Universidade de Cambridge há uma cátedra da matéria, e, nas Universidades de Oxford e de Londres, *numerosas teses de doutoramento versaram sôbre os fenômenos metapsíquicos*, nestes últimos tempos, o mesmo se verifica na Universidade de Duke, na Carolina do Sul, Estados Unidos, onde foi também publicado interessante relatório sôbre trabalhos experimentais ali realizados. Na Universidade de Camerino, Itália, é conhecida a posição espírita do prof. Stoppoloni, e numerosos professores universitários da França, Bélgica, Holanda e outros países, já não escondem o seu interesse crescente pelos estudos espíritas ou metapsíquicos.

Apesar disso, os preconceitos culturais, oriundos do materialismo científico dos dois últimos séculos, continuam a impedir que grande número de intelectuais se interessem pelo assunto. Em nosso país, onde os reflexos do progresso intelectual chegam sempre retardados, êsses preconceitos constituem verdadeira barreira, quase intransponível, afastando muitas inteligências promissoras de qualquer aproximação com os problemas espíritas. É tamanha a fôrça dos preconceitos, amparados e estimulados por pessoas e organizações interessadas, que os nossos homens de cultura, em geral, são pràticamente ignorantes em matéria de Espiritismo e Metapsíquica, e quando se manifestam a respeito, nada mais fazem do que revelar essa deficiência cultural.

As pesquisas metapsíquicas constituem, por sua profundidade e riqueza, uma verdadeira província da ciência moderna. Desde Russel Wallace, William Crookes, Charles Richet, Oliver Lodge, até Paul Gibier e Gustavo Geley, o que se tem feito nesse terreno, é suficiente para demonstrar a seriedade e a gravidade do assunto. Grandes sociedades, mundialmente respeitadas, como a Societies of Psychic Reasearch de Londres, e as British and American Societies of Psychic Reasearch, empenham-se na realização de pesquisas metapsíquicas do mais alto valor, sistemàticamente registradas em seus anais e divulgadas por suas publicações especializadas. Pessoalmente, médicos de renome, como o sr. Carl Winkland, da Faculdade

de Medicina de Chicago, autor do famoso livro «Trinta anos entre os mortos», deram e continuam a dar as mais belas contribuições para o esclarecimento dos problemas espíritas. Não obstante, a barreira dos preconceitos afasta, de tôdas essas fontes, homens que muito poderiam auxiliar o avanço da humanidade nos caminhos do espírito.

Ainda há dias, comentamos nesta secção as entrevistas concedidas a um jornal local pelos professores Mauricio de Medeiros e Mira y Lopes, que consideravam os fenômenos espíritas como simples produtos de burlas intencionais ou fraudes inconscientes. O primeiro chegou mesmo a dizer que a aparição de um espírito «seria a negação de tudo o que a ciência nos tem ensinado». Entretanto, é a própria ciência, através dos trabalhos de pesquisa de seus maiores expoentes, no último e neste século, que demonstra a realidade dessas aparições.

A fôrça dos preconceitos é enorme, pois é a própria fôrça da inércia, que no plano mental se manifesta pelo apêgo a uma permanente ilusão de segurança. Os fatos espíritas, como dizia o grande físico inglês Sir Oliver Lodge, são suficientes para produzir na terra uma nova revolução copérnica. Mas assim como Copérnico não destruiu a ciência, contribuindo, pelo contrário, para ampliar os conhecimentos humanos, assim também os fatos espíritas não tem uma função destruidora, pois servem antes para alargar a compreensão da vida e do mundo, por parte do homem.

O temor, pois, de que o Espiritismo destrua as bases de segurança da ciência, não tem razão de ser. O Espiritismo se alicerça nessas mesmas bases, pretendendo ampliá-las e fortalecê-las, ao invés de destruí-las, como sempre declarou Kardec. Só os erros serão destruidos pelas revelações mais amplas da ciência-espírita, o que, aliás, é do interêsse da própria ciência-materialista. Assim, a tremenda fôrça dos preconceitos seria fàcilmente removida, se os que a êles se entregam quisessem pensar de mente aberta sôbre o assunto, ou pelo menos não se recusassem a tomar conhecimento do mesmo. Trabalhos como o «Traité de Metapsychique» de Richet, os «Fatos Espíritas», de William Crookes, ou os de Crawford, do professor italiano Imoda, de Aksakoff ou de Schrenck Notsing ou ainda os de Bozzano — que resumiu 40 anos de estudos no livro «Animismo ou Espiritismo?» — não podem ser postos de lado pela simples fôrça dos preconceitos, sem que a dignidade humana e a própria inteligência sejam relegadas a um segundo plano.

Irmão Saulo

"QUO VADIS?"

Por DAVID BEDBROOK

(Presidente da Federação Espírita ou Espíritista Internacional)

Uma das principais publicações sôbre temas psíquicos da Inglaterra, ao referir-se sôbre meu discurso de abertura do Congresso Espiritualista Internacional que acaba de efetuar-se em Paris, deu por título a seu artigo: «Valorizemos a tolerância».

Era o título perfeito, o resumo exato do que desejei transmitir ao ânimo dos numerosos delegados dos diferentes países reunidos na cerimônia oficial de abertura.

Agora que já terminou o Congresso, com seu alvorôço e agitação, na minha qualidade de recém eleito presidente da Federação Espiritualista Internacional, necessito extender-me mais a respeito dêste tema de vital importância, pois concerne êle ao próprio futuro de nosso movimento como fôrça de alcance mundial e que pode chegar a converter-se num instrumento eficaz para estabelecer e estender a Fraternidade e Solidariedade entre as nações grandes ou pequenas.

Sempre considerei a Tolerância e a Compreensão como os mais sublimes atributos, pois sem êles não pode haver verdadeira e duradoura paz entre os homens e as nações. Creio que se pode e se deve procurar a forma mediante a qual as Federações, Sociedades ou Grupos que hoje se acham distanciados por pontos de vistas antagônicos, possam ser persuadidos

pelo bem comum a abandonar suas atuais divergências, a bem do Movimento, de maneira que ainda persistam embora em suas opiniões, se vejam possibilitadas de trabalhar em harmonia.

A Federação Espiritualista Internacional realizou no ano de 1948, em Londres, seu Primeiro Congresso de após-guerra e foi neste Congresso que os delegados de muitas nações elegeram, através de sua Assembléia Geral, um comité especial de indivíduos pertencentes a diferentes países com o mandato de preparar um Estatuto cujos artigos fossem amplamente discutidos antes de tomar sua forma final e ser aprovados pela Assembléia Geral. Assim nasceram os Estatutos da I. S. F. (Federação Espiritualista Internacional). Foi, desde seu nascimento e ainda o é, um Estatuto que irradía a mais ampla tolerância. E assim tinha que ser, pois de outra maneira não haveria recebido o apôio unânime dessas diferentes nações que viam nêle a futura base para uma orientação comum e unificada.

Basearam-se tais Estatutos no grande princípio da Sobrevivência e foi redigido de maneira a conformar a todos, sem ofender a ninguém. Completamente apolítica, em nenhum sentido ditatorial, e que brinda a todos o direito de organizar e manejar suas Federações, Uniões, Sociedades ou Grupos, da melhor maneira, de acôrdo com o ambiente em que lhes toca atuar. É assim tão adequada para aceitar como filiados a quem esteja a favor da Sobrevivência e a Volta do Homem desde o ponto de vista Cristão, como para aceitar àqueles que não admitem isto; ademais, aceita aos que acreditam na Reencarnação, da mesma forma aos que não acreditam nela; é um Estatuto apolítico e assectário.

Antes de nos extendermos acêrca dêste aspecto muito importante, desejaria realçar o fato de que êste Estatuto ou Constituição, de redação internacional, não foi idealizado por nenhuma instituição afiliada, que poderia introduzir seus preconceitos na Carta. Foi preparado, artigo por artigo, por um grupo de homens e mulheres, eleitos em diferentes nações, os quais, embora não sustentassem pontos de vista idênticos, tiveram a sabedoria e viram a necessidade de redigir uma tal Constituição, capaz de dar acolhida a todos os matizes de crença e opinião, ao mesmo tempo em que amalgamava o todo numa grande Irmandade de alcance mundial e sem exclusões de caráter político ou sectário.

Desde seu nascimento, essa Constituição foi aumentada, de tempo em tempo, porém as adendas ou emendas sòmente foram incorporadas depois de prévia discussão e aceitação pela Assembléia Geral de Delegados, num de seus Congressos trieanais.

Em minha opinião pessoal, constitui um Estatuto modêlo que deve ser estudado e comparado pelas demais Federações e pelas Sociedades de índole nacional, se é que esta grande verdade deva abrir caminho como fôrça de bem com âmbito mundial. É óbvio que não se pode permitir que os critérios estreitos e a intolerância se imponham; não devem dividir-se as fôrças por causa de imposicões ditatoriais.

Os Estatutos ou Constituições Federativas devem ser livres de tôda e qualquer tentativa de imposição e de tôda terminologia exclusivista, que pudessem impossibilitar a participação ativa de qualquer Sociedade ou Organização de índole nacional, dentro de uma tal Federação Internacional. Ampliando o exposto, direi que tôda Constituição ou Estatuto pertencente a uma Federação Internacional, deve ser redigido de maneira tal que permita a livre filiação daqueles que desejam continuar organizando suas atividades, tanto à base de um aspecto Religioso, como à base de um aspecto Científico, ou como uma combinação de ambos, existindo a máxima tolerância e compreensão para qualquer dêstes pontos de vistas. Em minha opinião pessoal, êstes três aspectos — o Religioso, o Filosófico e o Científico — devem poder estudar-se paralelamente e em harmonia, pois cada um dêles pode outorgar à nossa grande Verdade um algo que eleva a Humanidade.

Através dos muitos anos em que temos estado vinculados ao estudo da Sobrevivência, vimos muitas Sociedades que se denominam a si mesmas: «Sociedade de Investigações Psíquicas» e que, ao serem estudadas detidamente, mostram não ter um só aparêlho dos necessários para o estudo científico do tema, porém, que, anos após anos, continuam empregando a mesma denominação. Li os Estatutos, Regras e Regulamentações de Federações Nacionais, Uniões e Sociedades existentes em diferentes países que, se bem se denomi-

nam a si mesmas: «Federações Nacionais» de determinado país, demonstram pela natureza mesma de seus Estatutos ou Constituições, que tal denominação é incorreta, porque elas têm artigos que proibem terminantemente, a tôdas as Sociedades ou Indivíduos que desejam afiliar-se, o tomar parte em práticas religiosas e ainda o emprêgo da oração. Tal atitude é intolerante em grau extremo e é difícil compreender como uma tal organização se possa denominar a si mesma de «Nacional» e considerar-se representativa do movimento nacional quando trescala um estado de coisas tão ditatorial e de critério estreito. É óbvio que uma atitude mais ampla e tolerante seria mais adequada à sua designação.

A aceitação tolerante de diferentes modalidades e focalizações não deve conduzir necessàriamente à segregação de grupos com a finalidade de estudar sob diferentes aspectos, sejam filosóficos, religiosos ou científicos, que os conduziriam à competição entre si. É preferível que se formem comités para o estudo sério e sem preconceitos de cada aspecto, que permitam o trabalho harmonioso, dentro do marco da mesma organização.

Analizemos brevemente o que entendemos por Espiritualismo em relação ao conceito científico de «Investigação Psíquica»; abordamos êste tema pela razão de que há muitos interessados no aspecto investigativo do problema da Sobrevivência e que sentem, por sua vêz, aversão aos aspectos religiosos do Espiritualismo. Se focalizamos o problema com equanimidade, devemos convir que os processos para entrar em contacto com os «invisíveis» situam-se melhor dentro do campo da metafísica ou do estudo científico e não tanto no campo filosófico ou religioso, pois é bem sabido que há indivíduos que nada têm de religiosos e que, sem embargo, conseguem estabelecer contactos extraordinàriamente bons entre os dois estados de vida, o terreno e o celestial. O processo, em si, aparenta então ser de natureza metafísica ou científica. Onde, pois, encaixar, aí, o aspecto religioso? A resposta, parece-me, é perfeitamente clara: se bem os procedimentos inherentes possam aparentar ser de índole metafísica ou científica é, todavia, mediante tais processos que as comunicações assim recebidas possuem um conteúdo que, na sua maior parte, é de natureza espiritual, embora afirmemos ou neguemos que tais processos sejam de natureza científica.

Em muitas ocasiões se põe em evidência que as leis que regem êstes fenômenos, não só têm origem neste mundo físico em que vivemos, mas que também existem e têm aplicação no mundo «invisível» ao qual todos nós, inexoràvelmente, nos dirigimos.

Sem embargo, o mais importante de tudo isto é o fato de que referidas leis parecem ter papel ativo nos meios de comunicação que se estabelecem entre êstes dois estados da Eternidade. Seja Espiritualmente, Filosòficamente ou Cientìficamente, não cabe dúvida alguma de que todos atraimos para nós almas de uma mentalidade e pontos de vista mui similares àquelas que cada um de nós, individualmente, possuimos. Isto assinala o fato de que êsses três grandes atributos se complementam harmoniosamente para constituir o Mundo Celestial; é assim que devíamos aspirar a empregar êste dom de tolerância e compreensão em nosso mundo, de modo a dar tôdas as oportunidades possíveis para que o Espiritual, o Filosófico e o Científico trabalhem e se desenvolvam harmoniosamente, dentro de nossas organizações terrenais, sejam elas grandes ou pequenas, Internacionais ou Nacionais.

Em resumo, a intolerância conduz a pensamentos fechados e dogmáticos, a intolerância origina a antítese da harmonia, o amor e a compreensão entre as gentes que militam nas organizações em que ela é praticada e sempre conduzirá ao fracasso.

Tem que haver uma fórmula que nos permita lutar por atingir um espírito de harmonia e cooperação dentro de nossas fileiras e que nos permita, ao mesmo tempo, afastar o perigo de cair em campos antagônicos. O mais prudente é oferecer oportunidades amplas e iguais para um estudo sério e harmonioso destas três formas de pensar, sem permitir que nenhuma delas nos afaste de nosso fim primordial: Fazer dêste conhecimento uma fôrça de alcance mundial, grande e em constante expansão, em benefício da Humanidade; se não chegamos a apreciar a importância disto, nos veremos retardados, se é que não chegamos a estancar-nos, em nosso progresso para dito objetivo.

Minha opinião pessoal é que, a me-

nos que nós, dentro de nossas organizações espiritualistas, nos acautelemos dela, estamos condenando esta grande verdade ao esquecimento ou, pelo menos, a um estancamento indefinido. Trará isto, como resultado inevitável, que esta nova e maravilhosa concepção da vida caia em um «statu-quo» ou que volte a cair dentro das trevas que a ocultaram nos séculos passados. Tal pode ser o resultado da falta de visão e da falta de empenho do momento atual. Não é ainda demasiado tarde para refletir sôbre êste estado de coisas, nem tampouco nos encontramos face a um obstáculo intransponível, pois já existe um ponto focal mundial: a Federação Espiritualista Internacional, a I.S.F. As Federações, Uniões, Sociedades ou Grupos, têm a responsabilidade de facilitar ou de impossibilitar seu progresso, o qual nunca deve estar a serviço de uma tendência particular, frente a êste problema vital. Mantenhamos, pois, um perfeito equilíbrio entre os três aspectos: Científico, Filosófico e Religioso, de nossa grande verdade imortalista.

Tradução de Eddie Augusto da Silva.

Crônica Estrangeira

Múmias que se Movem

De «Estudos Psíquicos»

Paul Gold escreveu um artigo no *Psychic News* de Londres intitulado «O Mistério das Múmias que se movem». O caso é o seguinte:

Quando o médico especialista e egiptólogo Tomás Young se instalou em Londres, na Rua Wimpole, 48, trazia consigo uma coleção de múmias egípcias. Mais tarde o médico faleceu e muitas pessoas declararam ter visto naquela casa antigas Egípcias a deslizar de um quarto para outro.

O professor C. B. Alsop contou êste caso numa reunião do Instituto de Médicos, em Bristol University's Royal Forf, afirmando que o baseava num testemunho científico da maior confiança.

— Alguns colegas meus — declarou — juram que viram estes fantasmas, os quais parecem extraordinàriamente elegantes e metódicos.

Uma firma de produtos dentários encontra-se instalada na Rua Welbeck e tôdas as noites empacotam grandes quantidades de dentaduras, que armazenam num compartimento especial, destinadas às remessas do dia seguinte. O mais interessante é que, muitas vêzes, quando o pessoal abre a loja para tratar dos assuntos ordenados na véspera, encontram as dentaduras tôdas desembrulhadas e colocadas no chão.

Isto tem produzido enorme celeuma, como é fácil de calcular.

O articulista informa que o espalhafato costuma ser maior, quando aparece uma figura semelhante a Cleópatra, embora as portas permaneçam fechadas, sem qualquer vestígio de intrusos no trabalho.

É possível que os dirigentes da casa comercial sejam incrédulos e não tenham ainda adotado as providências adequadas. Se conhecessem a doutrina espírita saberiam que tais fenômenos são muito vulgares e quais os meios de acabar com esses distúrbios.

Só por isto vale a pena estudar o Espiritismo. Vemos atacar e criticar os problemas psíquicos sem o mínimo conhecimento de causa. Não raro, o pior escriba se arvora em professor para desancar às cegas uma doutrina que totalmente ignora. Os inconscientes que o ouvem vão propalar a burundanga a outros inconscientes e assim se vai fazendo a história.

Depois surgem fenômenos edificantes, como o que acabamos de mencionar, e outros ainda mais assombrosos que têm perpassado nestas colunas.

Somos visitados anualmente por centenas de indivíduos, e cada qual expõe um caso diferente. Encheríamos um volume com êsses relatos.

É pena que tais pessoas não encontrem assistência própria e andem de Herodes para Pilatos à procura de solução para os seus problemas. Os próprios clínicos aconselham alguns clientes a procurar centros espíritas, em vez de consultórios médicos. São conscienciosos,

sabem de antemão que nada podem fazer em benefício do enfêrmo e guiam-no para a verdadeira fonte. Era necessário, porém, que se abrissem clínicas de terapêutica psico-somática, a fim de resolver êste assunto importantíssimo.

Lição de Moral

De «Estudos Psíquicos»

Conta-se que Frederico II, visitando com seu irmão Henrique um convento da Silésia, foi recebido com afabilidade e, ao despedir-se, perguntou ao Superior se tinha a pedir-lhe alguma mercê.

—Só pedirei que se admitam ao hábito dois noviços por ano.

—Está outorgada a mercê. Eu próprio os mandarei.

E voltando-se para o irmão disse em Francês, julgando que o frade não entendia: «Vou mandar-lhe dois jumentos para me divertir».

O Superior compreendeu, fêz-se desentendido e acrescentou:

—Já que Vossa Majestade é tão clemente conosco, peço licença para solenizar a graça concedida, permitindo que a um dos noviços seja dado o nome de Vossa Majestade e ao outro o de vosso serenissimo irmão.

Rei e príncipe enrubesceram e trocaram olhar significativo que dizia: «Podíamos ficar sem esta».

Coppi, o maior ciclista do mundo, salvo pela mediunidade

De «Two Worlds»

Coppi, o mais popular ciclista da Itália, conta o modo por que, depois de uma queda em Roma, tomou o trem, para Nápoles, onde reside Aquille D'Angelo. Os médicos lhe disseram que não poderia correr pelo menos durante seis mêses. Dois dias depois de ter saído de Roma, estava de regresso, refeito, pronto para a carreira: «Volta da Europa» em bicicleta, a esperança de sua pátria. Disse Coppi: O homem (D'Angelo) apenas me tocou; deslizou o dedo ao longo de minha perna e queimava como fogo, como se mil agulhas picassem minha pele; logo me disse: volte para sua casa moço, você está curado... e eu estava curado!

A. D'Angelo nasceu em Nápoles, há 44 anos, filho de humilde carpinteiro, começou, quando menino, a engraxar sapatos numa rua e não teve tempo de frequentar escola. Depois foi porteiro. Em seguida percorria ruas, sôbre pernas-de-pau em serviço de propaganda. Certo dia, levando um letreiro, caíu ao chão. Foi levado ao hospital com dupla comoção cerebral. Vinte e seis horas depois, recobrou os sentidos.

J. M. Sheppard escreve: Um médico interno e uma enfermeira estavam a seu lado e ficaram surpreendidos quando D'Angelo os chamou pelos seus nomes próprios. Ambos lhe eram completamente estranhos. Era para êle o princípio de um novo mundo e o desenvolvimento de tão notável faculdade que cientistas e doutores levantavam os braços desconcertados ante a evidência. Êsse analfabeto produtor de milágres, desafiou tôda lei em medicina, em suas repetidas curas de casos declarados perdidos. Pode chamar todos pelos seus nomes. Deixai-lhe ver o vosso rosto e, no mesmo instante vos chamará pelo vosso nome completo. Mais estranho é o poder eletro-magnético de D'Angelo, se lhe derdes um apêrto de mão. Atenção! Êle pode transmitir, à sua vontade, sua corrente elétrica, assim chamada. Pode produzir um choque nervoso, se assim o deseja, sòmente com o toque de seu dedo e pode apalpar sem efeito algum. D'Angelo foi a Paris em 1952 para ser examinado, a pedido de um núcleo de psiquiátras e psíquicos. Pediram-lhe fornecer provas evidentes e imediatas de seu poder. D'Angelo apontou para um grande relógio, no aposento; seu pêndulo, oscilava rìtmicamente, em suas idas e voltas, mas parou no mesmo momento, e assim permaneceu até o fim da prolongada entrevista. Ao sair do amplo salão, D'Angelo sorriu e de novo apontou para o relógio, e imediatamente o pêndulo recomeçou seu movimento. O relógio estivera parado durante 55 minutos.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Festas Jubilares de uma Família Espírita

Com o título acima, a revista «REVELAÇÃO», de São Francisco do Sul—Estado de Santa Catarina—publicou ampla reportagem das Bodas de Ouro do professor Arnaldo Claro S. Thiago e de sua espôsa, dona Maria Eugenia Oliveira de S. Thiago, ocorridas e festejadas no Rio de Janeiro, em 5 de setembro último, com o comparecimento de numerosos membros da grande descendência espírita daquele casal, que já atinge a oitenta pessoas, tôdas vivendo dentro do mesmo ideal honrando e propagando a Doutrina dos Espíritos.

Em sua edição de 15 de outubro, dêste ano, a «Revista Internacional do Espiritismo», relatou, sob o título de «Bodas de Ouro», um histórico da formação familiar dos S. Thiago, a começar, em 1872, pela nomeação do cidadão Peregrino Servita de S. Thiago para o cargo de Inspetor da Alfândega de São Francisco do Sul. E é intenção desta «Revista», transcrever, oportunamente, da sua colega do Sul, a referida reportagem, pela qual nossos leitores poderão tomar conhecimento da beleza de uma verdadeira festa espírita, que servirá de exemplo aos nossos meios sociais.

A Crônica, adiante transcrita, se refere ao mesmo acontecimento, da mais alta significação para o movimento do Espiritismo no Brasil, e foi extraida da reportagem, de a «Revelação», já citada.

Crônica da Babitonga

A Pátria, o Estado, o Município por menor que seja, têm sempre suas gratas efemérides, suas datas importantes a comemorar. E a família, por certo, que é o esteio da Pátria, que é o embrião da comunidade, tem também as suas datas festivas, as suas efemérides, e de tôdas, a mais importante porque nem tôdas elas podem conseguí-la, são as «bodas de ouro», o jubileu de cinquenta anos de vida conjugal, de harmonia, de trabalho, de perseverança, de luta árdua pela vida, pela manutenção da família que cresce e necessita sempre mais, de conseguir, após anos e anos de luta, um acêrvo de bem estar e confôrto que é a ambição mínima do homem honesto e trabalhador. Assim é que, embora tàrdiamente, registramos com prazer, hoje, neste espaço a comemoração das «bodas de ouro» do venerando casal «Arnaldo Claro de S. Thiago e Da. Maria Eugênia Oliveira de S. Thiago», efeméride que se registrou em data de 5 do corrente. No longevo dia cinco de setembro de mil novecentos e oito, êste distinto casal, hoje já vergando ao pêso dos anos, unia suas vidas num matrimônio feliz, e encetavam lado a lado, com o entusiasmo dos jovens casadoiros, a longa e árdua jornada pela vida em fóra. Quantas e quantas alegrias já não desfrutou esta família no decorrer dêstes cinqüenta anos de vida conjugal e quantos, quem sabe, dissabores, também, não tiveram que suportar, porque a vida é feita de alegrias e tristezas, de prós e de contras, e devemos saber vivê-la com serenidade, com espírito de luta, para que não sucumbamos ante o imprevisível do futuro, ou as artimanhas do destino, ou, dizendo melhor, do predeterminismo que regula e controla nossa vida.

Dessa união feliz que hoje relembramos, surgiu numerosa prole, e todos hoje, com exceção da que Deus já chamou ao seu augusto seio, aí estão a honrar a paternidade, médicos, engenheiros, advogados, comerciantes, professores, etc., aprimorados em educação, socialmente elevados e benquistos, dando às comunidades dentro das quais hoje vivem e labutam, a prova inconteste do que pode valer o sacrifício dos pais, quando, pelo seu próprio valor, pelo seu espírito de abnegação e de trabalho, sabem fazer com que seus filhos herdem as sementes do bem, do trabalho, da honestidade e do cumprimento do dever.

Ao respeitável e emérito professor Arnaldo S. Thiago, à sua respeitável espôsa, e aos distintos filhos dêste casal ilustre, embora o atraso que só mesmo o conhecimento posterior do fato o justifica, deixamos aqui o nosso caloroso e sincero abraço de felicitações, externamos dêste es-

paço a nossa admiração e o nosso respeito, e seria prazer imenso que, daqui há mais vinte e cinco anos, pudéssemos, ou então aquêle que nos substituir, voltar com uma nova crônica para anunciar aos conterrâneos nossos que o ilustre casal, festejava as suas bodas de diamante.

Uniões como essa são abençoadas porque no desvêlo da mãe e na dedicação do pai surgem a coroar-lhes a vida filhos que os dignifiquem e os honrem.

Boa tarde, amigos, e salve o casal Arnaldo S. Thiago pelo transcorrer festivo do seu jubileu matrimonial.

Orlando Cardoso

(Crônica, assinada com o pseudônimo de *Ramires*, lida em 10 de setembro de 1958 e irradiada pela Rádio de São Francisco do Sul, Z. Y. U. 5)

Aniversário de «A Nova Era» de Franca

Este nosso distinto colega que se edita na cidade de Franca, deste Estado, festejou, com seu número de 15 de novembro último, o 31.° aniversário de sua fundação.

Na imprensa espírita, a «A Nova Era», sempre se destacou como um dos orgãos mais importantes pela sua orientação e assiduidade de circulação.

Da primeira página, aliás ilustrada, da alentada edição de aniversário, transcrevemos, com prazer, o seguinte :

«Ao completar «A NOVA ERA» seus 31 anos de existência, prestamos nesta página, nossa singela homenagem a seu fundador, — o sempre saudoso José Marques Garcia, — pioneiro do Espiritismo em Franca, organizador da CASA DE SAUDE «ALLAN KARDEC», e que teve tôda a sua vida terrena dedicada à difusão da doutrina espírita e à prática de seus sublimes postulados.

Nós, que aqui ficamos nesta luta, que êle nos mostrou ser gloriosa, e que procuramos sempre, humildemente, seguir-lhe os passos vigorosos, elevamos-lhe neste ensejo nossa prece de reconhecimento, ditada pelo coração, certos ainda de que as luzes divinas que irradiam de seu espírito de escol, serão sempre motivo de inspiração para as nossas lutas no porvir.»

Os companheiros de redação, de «Revista Internacional do Espiritismo», fazem dessas palavras a sua homenagem ao espírito amigo de José Marques Garcia, congratulando-se com a «A Nova Era» pelo seu significativo 31.° aniversário.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal orndinária, realizada em 1 de Novembro de 1958

Á hora regimental, o presidente, após a prece inicial por êle proferida, declara aberta a reunião, visto constar do Livro de Presença número superior de membros do Conselho, conforme determina o seu Regulamento, ou seja, a metade e mais um.

Expediente — Ofício da Federação Espírita do Espírito Santo e carta do conselheiro Prof. Ramiro de Souza Gama.

Dada a palavra aos srs. Conselheiros, falaram sôbre os mais variados assuntos, em tôrno do movimento espiritista, os senhores: Atlas de Castro, Alberto Nogueira Gama, Aurino Barbosa Souto e Coronel Levi Lara, discorrendo êste último sôbre a personalidade do confrade Murilo Pires, recentemente desencarnado.

Em seguida, o presidente comunica ao Conselho ter concedido várias entrevistas aos jornais cariocas sôbre a pessoa de S. S. o Papa Pio XII, e que o próximo número de «Reformador» apresentará um pequeno estudo referente àquêle Papa, cujo pontificado, disse ainda o presidente, foi bastante proveitoso para a sua Igreja. Prosseguindo, fala sôbre a personalidade do Cardeal eleito que governará sob o nome de João XXIII, lendo, para o Conselho, a primeira declaração dêle, bastante cristã, determinando que sejam eliminadas as adjetivações geralmente usadas pelo clero e pelos católicos, quando se referem à pessoa do Papa.

Após serem examinados vários assuntos trazidos a estudo do Conselho, pertinentes a alguns Estados, pronuncia a prece final o representante da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo e o presidente encerra a reunião precisamente às quinze horas e cinqüenta minutos.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Pontos e Contos
Falando à Terra
Gotas de Luz
O Consolador
Luz Acima
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Emanuel
Voltei
Pai Nosso
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$ 90,00
Semestre	—	,, ,,	50,00
Ano	—	Assinatura registrada	150,00
Semestre	—	,, ,,	75,00

NUMERO AVULSO CR. $ 8,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**